

FUNDAÇÃO GETULIO VARGAS  
CENTRO DE PESQUISA E DOCUMENTAÇÃO DE  
HISTÓRIA CONTEMPORÂNEA DO BRASIL (CPDOC)

Proibida a publicação no todo ou em parte; permitida a citação. A citação deve ser textual, com indicação de fonte conforme abaixo.

GUIMARÃES, Nélon Muniz. *Nelson Muniz Guimarães (depoimento, 1999)*. Rio de Janeiro, CPDOC, 1999. 46 p. dat.

Esta entrevista foi realizada na vigência de convênio entre CPDOC/FGV e FUNDAÇÃO CSN. É obrigatório o crédito às instituições mencionadas.

**NELSON MUNIZ GUIMARÃES**  
**(depoimento, 1999)**

## *Ficha Técnica*

tipo de entrevista: temática

entrevistador(es): Ignez Cordeiro de Farias; Verena Alberti

levantamento de dados: Ignez Cordeiro de Farias; Verena Alberti

pesquisa e elaboração do roteiro: Ignez Cordeiro de Farias; Verena Alberti

sumário: Cláudia Peçanha da Trindade

conferência da transcrição: Ignez Cordeiro de Farias

copidesque: Verena Alberti

técnico de gravação: Clodomir Oliveira Gomes

local: Volta Redonda - RJ - Brasil

data: 10/02/1999

duração: 2h 45min

fitas cassete: 03

páginas: 46

Entrevista realizada no contexto do projeto "Pioneiros e Construtores da Companhia Siderúrgica Nacional (CSN)", na vigência do convênio entre o CPDOC-FGV e a Fundação CSN. Esta entrevista subsidiou a elaboração do livro "CSN um sonho feito de aço e ousadia" (Rio de Janeiro, Fundação CSN & Fundação Getúlio Vargas, Iarte), de autoria de Regina da Luz Moreira.

A escolha do entrevistado se justificou pelo fato de ter trabalhado como engenheiro especializado em refratários na construção e manutenção dos altos-fornos. A esposa do entrevistado participou da gravação da entrevista.

A parte final da entrevista foi gravada simultaneamente em vídeo.

temas: Colégio Pedro II, Companhia Siderúrgica Nacional, Indústria Siderúrgica, Nelson Muniz Guimarães, Volta Redonda.

## *Sumário*

*Entrevista:* 10.02.1999

Chegada ao Rio de Janeiro e ingresso no Colégio Pedro II; origens familiares: o pai como telégrafo e as andanças da família pelo interior do estado até o estabelecimento em Barra do Piraí; relato sobre a gripe espanhola no Brasil (1918); os motivos pela opção do curso de engenharia e entrada na Escola Nacional de Engenharia; comentários sobre a época em que o entrevistado morava na Baixada Fluminense e estudava no Colégio Pedro II; trabalho como calculista em construtoras no Rio de Janeiro; ingresso na Companhia Siderúrgica Nacional (1954); comentário sobre a cooperativa de estudantes na Escola Nacional de Engenharia; o trabalho como topógrafo; comentários sobre Getúlio Vargas e seu governo; na CSN trabalhando no Núcleo de Expansão da Usina - Central Termelétrica; comentário sobre Mauro Mariano da Silva; a passagem de chefe de obras civis para chefia geral de obras da Central Termelétrica; a incorporação do entrevistado nos quadros da CSN; breve comentário sobre a ordem de presidentes da CSN; participação no Grupo de Manutenção Refratária (GMA-R - 1955); o Curso de Formação de Mestres do Departamento de Refratário (DRE - 1961); comentário sobre a necessidade de se importar quase tudo no início da CSN e a dificuldade de se implantar uma indústria de material refratário no Brasil; comentário sobre as viagens de Edmundo Macedo Soares para obtenção de empréstimos objetivando a construção da CSN e as condições impostas pelos Estados Unidos; recapitulação dos passos do entrevistado dentro da CSN; comentários sobre a emancipação de Volta Redonda e a diferença entre cidade nova e cidade velha; os locais onde o entrevistado morou assim que chegou a CSN e sua rotina de trabalho; comentário sobre João Siqueira Lopes; participação no último plano de expansão - Plano D (1975); diferenças entre métodos de fabricação do aço; a diferença entre a atuação do entrevistado como engenheiro coordenador para os outros de mesma função; o convite para o cargo de superintendente geral da expansão; análise do caráter de economia mista da CSN e os problemas enfrentados por esse motivo; como Superintendente Geral de Construção (1976-1983); transferência para diretor técnico da CECISA - responsável pela construção de residências para o operariado - sem desvinculação da CSN (1983); os trabalhos após a aposentadoria; o piche em pó na fabricação de tijolos refratários e sua importância na siderurgia; comentários sobre avanços tecnológicos aliados ao desemprego crescente através da história; comentários sobre a família: esposa, filhos e netos; a importância da CSN para o Brasil e para a vida pessoal do entrevistado; breve comentário sobre a necessidade de se falar da história.

*Entrevista: 10.02.1999*

I.F.- Dr. Néelson, seu nome completo é esse, Néelson Muniz?

N.G.- Néelson Muniz Guimarães.

I.F.- E normalmente conhecem o senhor como Néelson ou como Muniz?

N.G.- Meu nome de guerra na CSN sempre foi engenheiro *Muniz* porque, se falasse meu prenome ou o último sobrenome, era muito familiar na nossa sociedade, então o nome que mais distinguia era Muniz.

I.F.- É, porque eu tenho visto aí sempre chamarem “engenheiro Muniz”.

N.G.- É isso mesmo.

I.F.- O senhor é carioca?

N.G.- Não. Eu sou de Barra do Piraí. Mas fui estudar no Rio.

I.F.- No Rio; mas foi mocinho para lá, ou só para fazer a faculdade?

N.G.- Depois que fiz o ginásio eu fui para o Colégio Pedro II, externato, na rua Marechal Floriano. Ali fiz o meu científico e dali eu fui para a escola.

V.A.- E o senhor morava onde? Porque era externato, o senhor morava onde?

N.G.- Ah, bom, aí já é um problema sério, não é? Aí morei em república... [riso] Dinheiro muito contadinho, dava já as minhas aulas na época... Porque aconteceu uma coisa muito engraçada quando eu fui para lá. Os meus papéis atrasaram quando eu fui para o Colégio Pedro II. Vamos fazer um preâmbulo aqui. Eu sempre fui um menino muito levado, muito levado. Então não dava muita bola para o estudo, não; eu só fui pensar um pouco em estudo com pouco mais idade, não é? Então não ligava muito, não; eu achava que um dia de 32 horas ainda era pouco. [riso] Era pouco 32 horas, eu queria mais. Então era futebol, nadar no rio Paraíba, e era uma coisa de louco; e depois é que eu comecei a entender que eu devia fazer diferentemente a minha vida. Então, quando eu fui para o Pedro II, eu acabei descobrindo uma coisa interessante: eu sabia muito bem matemática. Eu pensei que eu estivesse atrasado em relação à cidade grande; não! Tive colegas de turma que eu ensinava a eles nos intervalos, achei aquilo gozado. Falei: “Ué, mas que coisa interessante, eu ensinando!” Então eu fui do Pedro II três anos, tive ali grandes professores! Ih, meu Deus do céu!

I.F.- Sempre foi muito bom colégio, não é?

N.G.- Verdadeiros sacerdotes do ensino: Euclides Roxo; professor Cardim, de física; Hugo Pinheiro Guimarães, de uma família muito tradicional do Rio, de química; Ernesto da Paiva Marreca, zoologia, botânica. Nossa Senhora, aquele homem deixava a gente louco! A gente fazia prova olhando o microscópio e falando. [Enoch]\* da Rocha Lima, desenho geométrico e desenho projetivo. Tive grandes professores ali. João

---

\* Nome sujeitos a confirmação.

Batista de Melo e Sousa, irmão do Malba Tahan — porque o Malba Tahan não foi meu professor, o Júlio César. Peguei um pouquinho o Cecil [Thirré]\*, mas o meu professor mesmo foi o Euclides Roxo, de matemática.

I.F.- O irmão do Malba Tahan também era de matemática?

N.G.- Não, era histórias do Brasil e da civilização, o João Batista. Homem excelente aquele, excelente.

I.F.- E o senhor teve que fazer exame de admissão para o Pedro II?

N.G.- É como eu estou falando: fiz pelo artigo 91.

V.A.- O senhor nasceu quando?

N.G.- Em 9 de maio de 24.

V.A.- E a família em Barra do Piraí era grande, tinha muitos irmãos?

N.G.- Ah, muito. A família era enorme, a irmandade era de dez.

V.A.- Dez com o senhor?

N.G.- E eu sou o raspa tacho.

V.A.- O senhor é o décimo. E os seus pais moravam lá desde sempre, como é que era?

N.G.- Não. Meu pai... Essa irmandade foi fracionada em vários lugares, porque o meu pai se formou em telegrafia no Rio de Janeiro. Meu pai é carioca e a minha mãe é paulista. [riso] O pai dele veio de Portugal, da região de Guimarães, por isso nós temos esse nome de Guimarães. Manuel Pereira Guimarães.

V.A.- É o nome do seu avô?

N.G.- Do meu avô. Meu avô paterno, não é? E a minha avó paterna também era Isabel. Por sinal ela era mulher rica, aí perderam tudo, pela história que a gente sabe.

V.A.- E ele se formou em telegrafia. Como era isso?

N.G.- Telegrafia no Rio de Janeiro...

I.F.- Qual o nome dele?

N.G.- Leandro Bourget da Motta Guimarães. Bourget: nome de origem francesa.

V.A.- De onde vem esse nome francês?

---

\* Nome sujeito a confirmação.

N.G.- Aí é que está minha filha. São coisas de origem. Por exemplo: o Motta, com dois t, é de origem italiana, e o papai tem Motta no nome, está entendendo? Então fica muito difícil... Quer dizer, é coisa de um passado tão longínquo que nós não conseguimos... Está entendendo?

V.A.- E ele se formou em telegrafia? Como era isso?

N.G.- Porque, naquela época, a estrada de ferro Dom Pedro II — era o nome da estrada de ferro... Ele se formou rapazinho — aliás, eu conheci muitos colegas dele dessa formatura, porque eles fizeram muita amizade. E teve um homem, até negro, excelente homem, Cunha. O Cunha até foi padrinho de um irmão meu, eram muitos amigos. Eles eram mandados para o Brasil inteiro, para as estações diferentes, porque naquela época comunicação era telégrafo: pi-pi-pi, não é?

V.A.- As estações da estrada de ferro.

N.G.- Da estrada de ferro, exatamente.

V.A.- Agora, eu queria saber: formava-se em telégrafo onde?

N.G.- No Rio de Janeiro.

V.A.- Tinha uma escola de telégrafo? O que era isso?

N.G.- A própria ferrovia Dom Pedro II formava os alunos lá dentro para mandar para outros lugares, a escola era da ferrovia.

V.A.- O senhor tem idéia de quando ele se formou?

N.G.- Papai nasceu em 81... Em 1900 mais ou menos.

V.A.- Então dentro da estrada de ferro Pedro II havia um curso que formava...

N.G.- Preparação, vamos dizer, de pessoal qualificado, porque no Brasil não tinha, não é?

V.A.- Aí ele então formou-se e foi para Barra do Piraí?

N.G.- Não, não.

I.F.- Aí andou pelas estações de estrada de ferro.

N.G.- Exatamente. Ele passou em vários lugares aí, onde a estrada chegava. Porque naquela época... Presta a atenção em um detalhe: a linha tronco ligava o Rio de Janeiro a Belo Horizonte, mas a ligação Belo Horizonte ainda demorou. Primeiro ela veio do Rio de Janeiro a Juiz de Fora e Barbacena, depois é que ela foi a Belo Horizonte — essa é a linha tronco. Muito depois é que veio o ramal para São Paulo. Muita gente pensa que para São Paulo é a linha tronco, não é, é o contrário, é o ramal. E ali o ramal abre um Y em Barra do Piraí. Barra do Piraí era uma cidade importantíssima naquela época, porque era o centro das ligações dos pontos de importância econômica e cultural da época, que

eram Belo Horizonte, São Paulo e Rio de Janeiro. Então ela vinha até Barra do Piraí; de Barra do Piraí ia para Belo Horizonte e vinha para São Paulo. Ali era o centro de encontro de todos os trens, o dia inteiro, era um movimento fabuloso! Eu me lembro muito bem disso porque eu era menino pequenininho e eu já levava o almoço ou o jantar do meu pai lá na estação, porque às vezes ele não podia sair, tal era o movimento de comunicações nas estações. Então a gente, que era garoto, levava o almoço. Eu, o meu irmão Fausto, o meu irmão Celso. Eu me lembro muito bem disso.

V.A.- E o pai do senhor, se estabeleceu em Barra do Piraí quando? O senhor tem idéia?

N.G.- Espera aí que eu te digo... mais ou menos eu te digo. Então o meu pai andou em vários lugares aí pelo Brasil. Ele andou aqui, até deve ter mudado de nome. Ele esteve em Comércio. Sabe onde é Comércio? É ali perto de Vassouras, na linha de bitola larga lá em baixo, porque Vassouras é bitola estreita.

V.A.- É onde tinha a fazenda do avô do Lacerda. Não era Comércio?

N.G.- Isso. Fazenda da Forquilha, fazenda dos ascendentes do Carlos Lacerda, exatamente. No final, o maior orador que o Brasil já teve, não é? Igual a ele não teve ninguém, terrível aquele cara para falar de improviso. E papai esteve em Comércio; aliás foi lá que o papai se casou. A igreja onde ele se casou era na beira da linha, era uma igreja que era menor que essa sala aqui. Eu conheci essa igreja, porque depois eu fui lá recolher documentos para guardar qualquer coisa da minha família, não é? E consegui. Depois de muita luta, consegui. Papai se casou em Comércio; casou-se e fez o casamento em Comércio também, mas através do juizado de Vassouras.

I.F.- E o nome da sua mãe qual era?

N.G.- Jovira, com *r*. Não é Jovina, não. Aliás, esse Jovira para Jovina tem me causado muito problema na vida, porque eu já tirei umas cinco carteiras de identidade, tudo errado. Porque ninguém imaginava que seria Jovira, então botava Jovina. Eu falei: “Mas, meu Deus, eu repeti tanto que é *r*.” “Ah, não. Pensei que o senhor estava errado.” Jovira Muniz da Motta Guimarães, porque o Muniz é da família da minha mãe.

V.A.- E ela veio de São Paulo.

N.G.- Ela veio de São Paulo. Ela, aliás, esteve em vários lugares, não é? Guará... Não é Guaratinguetá, não: Guará.

I.F.- E esse Motta é com dois *t*?

N.G.- Com dois *t*, de origem italiana — aí que eu digo que é... A gente até brincava muito: “Ah, o pessoal andou pulando cerca aí, coisa e tal.” [risos]

V.A.- E a mãe do senhor veio para o Rio, eles se conheceram no Rio?

N.G.- Não. Papai conheceu mamãe em Comércio, quando ele foi trabalhar como telegrafista.

V.A.- E ela estava em Comércio por quê?

N.G.- Porque o meu avô materno era diretor-agente da estação.

V.A.- Ah, está certo.

N.G.- Que também andava muito pelo Brasil. Ele andou em Comércio, ele esteve em Queluz muito tempo. Queluz, por exemplo, é uma cidade que deixou uma marca muito importante na vida da minha mãe, porque, passando a adolescência para mocinha, ela morou lá. Morou em Queluz, aqui quase no limite.

V.A.- Então eles se casaram em Comércio e depois vieram para Barra do Piraí?

N.G.- Não. Vieram para Vargem Alegre, aqui — não sei se conhecem Vargem Alegre, aqui, onde houve um hospital de alienados. Vargem Alegre pertence ao município de Barra do Piraí; pertence, porque o município era muito grande. Então o meu pai foi para ali também e ali nasceram vários irmãos meus. A Cora, o Basinho... Basinho é nome carinhoso de família, não é? Esse nome é até engraçado: eu tinha uma irmã Vera, ela falava muito tatibitate, demais. Então para entender a minha irmã quando ela era pequenininha, só mesmo a minha mãe e os irmãozinhos mais velhos, porque o resto não entendia. Então, para vocês terem uma idéia: a minha mãe tinha uma amiga; eu conheci em Barra do Piraí, a comadre. A comadre era uma senhora branca, pobre, mais pobre até que a nossa família. Mas a amizade dela com a minha mãe era de uma fidelidade incomparável: para onde a minha mãe ia, a comadre sempre estava. Então quando a comadre chegava em casa, ela dizia: “Ratorrim.” E a minha mãe sabia que a comadre estava chegando. Agora, como a minha mãe traduzia isso, eu não sei. A minha irmã falava “ratorrim”!

V.A.- Ah, a sua irmã Vera falava que era “ratorrim”?

N.G.- “Ratorrim, ratorrim.” Quer dizer, tudo tatibitate. Mas a minha mãe traduzia, está entendendo? Essa minha irmã Vera já faleceu lá em Jacarezinho, Paraná. Estava com a filha lá. Morreu lá, morreu bem velhinha, com 86 anos. Então...

I.F.- O senhor estava falando do seu irmão Basinho.

N.G.- Basinho. Então ela chamava o meu irmão Leandro de Basinho: “Bá, bá...” [risos] Aí ficou “Bá, bá”, e acabou pegando. Aí para ficar mais carinhoso: Basinho, não é? Aliás, eu falo muito para a minha senhora, Sônia... Ela é muito emotiva, muito! E tudo para ela é diminutivo, tudo! E não sei o quê, e isso e aquilo: “Vamos dar um biscoitinho, vamos dar um pãozinho, vamos dar uma chupetinha... vou dar essa camisinha.” Eu falo: “Então pára, pára! Que camisinha hoje é palavrão.” [riso] Eu brinco muito com ela sobre isso, sabe? [riso]

I.F.- Mas aí acabaram batendo em Barra do Piraí?

N.G.- Bom, aí o meu pai andou por vários lugares, coisa e tal, e eu me lembro até muito bem que, na época da guerra, ele estava em Vargem Alegre. Tanto é que chegaram uns russos fugidos, não da guerra, mas fugidos do comunismo. O comunismo fez uma desgraça na Rússia! Não só na Rússia, não é? Foi na União Soviética toda, depois que



foi fundada, mas naquela época ainda era Rússia, não é? Foi mais ou menos em mil novecentos...

V.A.- A revolução foi em 17.

N.G.- Pois é. Deve ter sido dezessete... A família Aritof — isso eu posso falar porque meu pai falava muito na família dos Aritof...

V.A.- Eles foram parar em Vargem Alegre...

N.G.- Foram parar em Vargem Alegre, escondidos, não é? Porque escolheram um lugar bem... um pontinho material no meio das árvores, lá no mato do Brasil, não é? Ele tinha tanta cultura que ele ganhava dinheiro traduzindo livros, mas ele não dava o endereço dele, não é? Ele foi um grande oficial da Rússia na época, ele participou da guerra da Criméia, aquela coisa toda. Papai sabia até detalhes, porque eles gostavam muito de... Porque a distração naquela época era sarau, não é?

I.F.- É.

N.G.- Nas casas daquelas fazendas maiores, quem tinha recursos. Ou então os homens jogando cartas, não é? Tinha aqueles jogos que hoje geralmente não jogam mais, não é? Como é que chamava? Tinha um jogo que o papai falava, não sei o que da glória, um jogo de cartas. Tinha lá uns critérios que eu não sei. Eu sei que eles jogavam muito, os homens lá entre si, e essa família foi parar lá, os Aritof. Tinha até um filho que parece que ainda é vivo, um tal de Boris, Boris Aritof. Não sei, deve ser muito velho já, porque eu nem era nascido na época. Então papai passou por Vargem Alegre e eu sei que depois passou por Barra do Piráí. E nasceram em Barra do Piráí apenas quatro, que eu sei: Azuil, Celso, Fausto e eu. O Azuil nasceu em 1916; quer dizer, em 1916 papai já estava em Barra do Piráí. Aí houve a famosa espanhola, não é?

V.A.- Ah, como foi isso?

N.G.- Nossa Senhora!

I.F.- O senhor sabe é de ouvir contar, o senhor não tinha nascido.

N.G.- Não. Mas eu sei porque o meu pai... A Sônia diz que eu tenho memória de elefante.

V.A.- O senhor tem a memória dos seus antepassados todos.

N.G.- Porque o papai gostava muito de conversar com a gente, papai aconselhava muito a gente, sabe? É como às vezes eu digo: a nossa família era pobre, mas em matéria de educação nós aprendemos tanta coisa boa! Papai não gostava que a gente sentasse em mesa de bar. Ele falava: “Não faça isso, meu filho, não faça isso.” Ele fazia questão. Fumar, a gente não fumava.

V.A.- Mas aí ele contou para o senhor da gripe espanhola, como foi?

N.G.- Nossa Senhora!

V.A.- Lá em Barra do Piraí mesmo?

N.G.- Olha, esse menino que eu estou falando, o Azulil, que hoje está com oitenta e tantos anos, ele nasceu em 16, não é? Em 18 foi quando *explodiu* mesmo a espanhola no mundo inteiro, não é? Ninguém sabia que aquilo era de um nível de contágio fabuloso, não é? Então esse meu irmão estava com dois anos, papai já morava em Barra do Piraí, eu me lembro até do local, porque me disseram: “Olha, nós moramos aqui nesse sobrado.” O meu irmão pequenininho, todos pegaram a espanhola e ele não pegou, ninguém sabe explicar por quê. Então ele andava pela casa pedindo: “Lavar bumbum meu!” [riso] Ele dizia: “Lavar bumbum meu.” Aí aos pouquinhos as irmãs mais velhas... Porque a ordem é: Cora, Leandro, Vera, Maura, Lauro, Hélio, Azulil, Celso, Fausto e eu, Néilson. Aliás morreu um, Oilar, infelizmente morreu bem pequenininho, mamãe perdeu. E nessa época ele pedia isso, aí as pessoas foram melhorando. Graças a Deus não houve nenhum caso de morte, felizmente.

V.A.- E o pai do senhor também pegou a gripe?

N.G.- Também pegou. Mas ele não podia ficar em casa, porque ele trabalhava no telégrafo e poucas pessoas podiam ir ao trabalho. Estava todo mundo doente, porque a espanhola matou milhões de pessoas no mundo inteiro, inclusive no Brasil. Para vocês terem uma idéia da situação trágica — isso eu sei até hoje — a rua principal que ia para o cemitério — o cemitério era lá no alto do morro — atravessava a linha tronco que vai para Belo Horizonte. Você, para ir ao cemitério, tem que subir assim... Muito bem, então essa rua principal passava em uma praça e aqui tinha uma rua onde o papai morava.

V.A.- Transversal a essa.

N.G.- Transversal. Aí ele tinha que atravessar a linha lá na frente e ia para a estação, ia sempre a pé. Papai, quando chegava ali na esquina — não foi uma vez, não... Várias vezes ele ajudou a trocar cadáveres das carroças, porque os médicos da cidade aconselharam as pessoas a amarrar no dedo do pé um barbante com um cartãozinho dizendo a hora em que a pessoa faleceu e o dia. Então, de acordo com aquela hora e o dia, o camarada via: “Bom, qual é o cadáver mais velho? É o que está na calçada ou o que está na carroça?” Aí olhava: “Bom, esse que está na carroça morreu agora, há duas horas atrás.” “E esse aí?” “Morreu há oito horas.” “Então troca. Tira esse, bota na calçada, leva outro.” Porque os burros não agüentavam subir o morro com aquele peso todo de gente morta, não é? Então o papai ajudou muito a trocar cadáver em carroça que levava os mortos para o cemitério. A espanhola fez um... era uma devastação.

I.F.- Mas aí, em 24 o senhor nasceu e ficou morando lá em Barra do Piraí até ir para o Rio de Janeiro fazer o Pedro II.

N.G.- É, exatamente. Isso mesmo. Fiquei morando lá, mudamos de casa, não é? Claro, mudamos de casa, mas a cidade continua a mesma.

V.A.- E o senhor estudou na escola em Barra do Piraí?

N.G.- Estudei, fiz o primário no colégio Manuel Joaquim de Macedo, por sinal um colégio muito bom.

I.F.- Escola pública?

N.G.- Escola pública. Escola pública e de uma construção excelente! Está lá o original até hoje. Excelente! Sei o nome das minhas professoras todinhas.

V.A.- O senhor tem mesmo memória de elefante. [risos]

N.G.- Ah, minha filha, eu olhava para aquelas mulheres, eu dizia: “Ali não deve correr sangue igual ao meu, não. Aquilo ali deve correr ouro líquido, deve correr alguma coisa diferente.” Como a gente adorava, meu Deus do céu!

I.F.- Mas o senhor disse que não gostava de estudar, só gostava de brincar.

N.G.- Exato, mas a gente adorava as professoras. Não é que eu não gostasse, não, sabe? Eu não ligava, mas a turma dizia assim: “Você é muito inteligente, seu danado, seu sacana. Você é inteligente, por isso que você não liga.” Diziam assim para mim. Porque eu ia levando de qualquer maneira e eu passava muito bem naquelas porcariadas todas. Então, voltando ao ensino público. Por exemplo: professora Alice [Aiecs]\*. A família [Aiecs] está lá em Barra do Piraí — de origem turca. Professora Mirtes, professora Marta, professora Iolanda, professora Clementina. Aliás, sobre a Clementina eu tenho uma passagem muito interessante. [risos] Ela era uma moça bonita e muito *boa*, sabe? [riso] Um dia, na ponte principal de Barra do Piraí, que é a ponte metálica... Não sei se vocês conhecem Barra do Piraí.

I.F.- Não.

N.G.- É a ponte metálica, está lá até hoje. Aliás, deixaram estragar uma ponte daquela, ah, meu Deus do céu! Ponte construída com projeto da Inglaterra e montada por firmas inglesas, está lá até hoje. Tudo com rebite, porque naquela época não havia perfis soldados, não é? Tudo com rebite. Muito bem. A obra é espetacular. Então, ela atravessando a ponte, em vez de ela passar pela passagem de pedestres... Acho que ela tinha medo de água, porque a passagem de pedestre era lateral, fora do arco da ponte, e a gente, olhando assim, você só vê água. Então eu acho que ela tinha medo e ela passava no lugar onde passavam os carros. Porque a ponte foi muito bem projetada, tinha até passagem especial para a linha de trem da bitola estreita. Não se ouviu falar na Rede Sapucaí. Naquela época chamava-se Rede Sapucaí. Hoje já não existe mais. Passou a ser Rede Mineira de Viação, mas era Rede Sapucaí, e tinha passagem para a estrada de ferro, tinha a pista de rolamento para os automóveis, carroças, viaturas em geral, e tinha uma passagem para os pedestres.

V.A.- Tudo no mesmo nível.

N.G.- Tudo no mesmo nível. Então, o que aconteceu? De repente... Naquela época as boiadas eram tangidas a pé, não é? A legislação mudou, hoje é tudo por caminhão, mas naquela época era tudo a pé. Entrou uma boiada na ponte, mas ela já estava a meio

---

\* Nome sujeito a confirmação.

caminho. E ela usava roupinhas muito apertadinhas e não teve como pular o parapeito. [riso] Para pular o parapeito, ela teve que levantar a saia todinha e nós vimos tudo. [riso]

V.A.- Isso o senhor era menino da escola.

N.G.- Eu era menino, exatamente, é. Clementina. Bom...

V.A.- E como foi a decisão de ir para o Colégio Pedro II?

N.G.- Foi o seguinte, e aí tem um detalhe importante. Nós passamos por umas épocas difíceis, que a família era pobre e eu tive que sair do ginásio. Esse detalhe...

V.A.- O ginásio era onde? Em Barra do Piraí?

N.G.- Ginásio Nilo Peçanha, em Barra do Piraí.

V.A.- Ah, tinha ginásio em Barra do Piraí.

N.G.- Tinha. Eu tive que sair.

V.A.- Porque o ginásio era pago?

N.G.- É. Mas por um lado eu até gostei, porque eu só gostava de jogar futebol, nadar. Não imaginei, quer dizer, não visualizei que, no futuro, aquilo podia me acontecer, está entendendo? Mas foi pouco tempo. Aí esse meu irmão, o Celso, que foi para o Pedro II, internato... Porque ele foi para o internato, o mais velho. Eu nasci em 24, ele nasceu em 19, porque no meio tem o outro irmão, o Fausto. Nasceu em 21. Esse irmão Celso foi para o internato — por sinal, inteligentíssimo, ele dava *show*. Foi ele que descobriu que eu poderia fazer o artigo 91 por causa dos anos perdidos e tal. Então eu fiz o artigo 91 e entrei no Pedro II. Eu não podia pagar.

V.A.- Essa iniciativa do Celso ir para o Pedro II, outros irmãos do senhor já tinham ido para o Pedro II?

N.G.- Nunca, nunca. Só nós dois que pudemos estudar. Todos tinham que trabalhar.

V.A.- Todos fizeram o ginásio e foram logo trabalhar?

N.G.- Não, nem ginásio. Foi primário e olhe lá.

V.A.- E por que o senhor e o irmão Celso foram os escolhidos?

N.G.- Aí não é bem escolhido, é porque era tudo de acordo com a época, não é?

V.A.- Sei.

N.G.- Os irmãos começaram a trabalhar, aí começou a entrar mais dinheiro em casa, essas coisas todas. Vamos dizer, a burra aumentou o nível, então permitiu que quem quisesse estudar, podia, ajudava, aquela coisa toda.

V.A.- E os irmãos trabalhavam em quê? Lá em Barra do Pirai mesmo?

N.G.- Exato. Por exemplo: essa minha irmã Cora era professora primária. Vendo a letra dela, vocês caem para trás! Se quiser ver eu mostro um retratinho que ela me deu lá em Quissamã, perto de Macaé, quando eu fui uma vez lá — eu tinha 16 para 17 anos. A minha irmã Cora era professora; o meu irmão Bazinho, farmacêutico — o Bazinho, o Leandro, farmacêutico. Esse era um santo, porque ele era um segundo pai da família, ele ajudava o meu pai a manter a família. A vida dele foi uma vida de sacrifícios, era um santo esse meu irmão, um santo...

[FINAL DA FITA 1-A]

V.A.- Então o senhor foi para o Pedro II. O senhor tinha que idade quando o senhor foi para lá?

N.G.- Bom, deixa eu ver, espera aí para não errar... 1945? Quando estourou a guerra? 8 de maio? É. Eu cheguei atrasado no Pedro II por causa dos papéis, em 1945. Eu estava...

I.F.- 1945 foi quando *acabou* a guerra.

N.G.- Quando acabou a guerra, exatamente. Aliás, eu fiz até uma piada com os meus colegas lá no colégio. Quando acabou a guerra, exatamente. Estava com 20 anos para 21. Eu estava até meio atrasado, não é?

I.F.- É.

N.G.- Porque eu perdi anos de ginásio. Então, exatamente, eu estava com 20 anos para 21.

I.F.- Então o senhor fez em 45, 46, 47.

N.G.- Isso. Mas aí eu perdi um vestibular. Eu entrei em 49 na Escola Nacional de Engenharia. Perdi também por uma bobagem! Nossa Senhora! Mas aí também nem entra em consideração, bobagem. Mas aí eu fui... 1949, 50, 51, 52, 53.

V.A.- Fez a escola de engenharia.

N.G.- Engenharia.

I.F.- Terminou o curso então em final de 53?

N.G.- Isso.

I.F.- Em 54 veio para cá?

N.G.- Vim para cá.

V.A.- E a opção por engenharia? O irmão seu também estudou engenharia?

N.G.- Não.

V.A.- De onde veio essa vocação para engenheiro? Porque naquela época também não era tão comum escolher engenharia, não é?

N.G.- Não. Sabe qual é a impressão que eu tenho? É a seguinte. Eu volto atrás naquilo que eu falei que a gente pensava que a gente não sabia nada, não é?

I.F.- E era bom em matemática.

N.G.- Mas eu era bom em matemática. Sabe por quê? Quando eu fui me preparar para fazer o 91 no Rio, o meu irmão queria me levar e falou assim: “Ô Néelson, você vai comigo, você vai morar na pensão, lá a gente dá um jeito.” Eu falei: “Mas como é que vai ser? Papai não tem dinheiro, está tudo tão difícil.” Aí eu fiquei lá mesmo. Aí tinha um professor, Rosendo Pimenta. Ele era um senhor que trabalhava no banco e era professor. Então eu estudei com esse professor e em um belo dia ele disse para mim: “Ô Néelson, a sua cabeça é boa para matemática. Você não está sabendo porque não ensinaram para você.” Está entendendo? Aí começamos a tentar botar em dia aquilo que nem tinha passado pela minha cabeça. Você quer ver um exemplo? Trigonometria: nunca tinha ouvido falar. Foi aí que o professor Euclides Roxo, do Pedro II, um dia... Aquele homem era outro espetacular, Nossa Senhora! Aquele homem olhava para o aluno e estava vendo que ele não sabia nada, ou então que ele não estava entendendo a aula — só de olhar. [risos] Aquilo era um sacerdote do ensino, não era nem professor, um homem espetacular.

V.A.- E ele então também descobriu que o senhor tinha essa aptidão?

N.G.- Aí ele falou: “Você está atrasado nessas coisas porque você nunca viu. Não tem problema, não, meu filho, isso aí você vai...” Ele brincou comigo e disse: “Você vai aprender fácil, fácil.” E de fato aprendi. Aí ele mandou eu estudar coisas que ele não estava dando, porque inclusive entrei atrasado quase dois meses, por causa dos papéis, aquelas coisas todas. Aí eu fui tirar os meus atrasos. Agora, eu morava longe para burro nessa época, porque dois irmãos meus, o farmacêutico e o outro irmão, o Hélio – o pai desse rapaz aqui, o Elinho<sup>1</sup>. Aliás registraram o nome dele Élio sem *h*, [risos] porque era para ser o nome do pai. – Nós compramos uma olaria na Baixada. Puxa, que período de luta, Nossa Senhora. Eles dois juntaram um pezinho de meia que fizemos e compramos uma olaria na Baixada. Não sei se vocês conhecem bem a Baixada. Conhecem Jardim Gramacho? Onde hoje é a famosa lixeira do Rio de Janeiro. Aquilo ali era um mato bíblico. [risos] Lá só tinha uma casa de uns franceses que vieram para o Brasil há muitos anos atrás e não sabiam se defender contra a febre da Baixada e todos ficaram doentes, mas tinham construído uma casa muito boa.

I.F.- Febre da Baixada, que o senhor fala, é a malária?

N.G.- É. Quando nós compramos lá... Quer dizer, quando eu digo “nós” é porque eu estava no meio do troço, mas eu não entrei com um tostão, só entrei com trabalho. Nós fomos morar em Caxias, no centro, nós alugamos um apartamento no centro. Mas com

---

<sup>1</sup> Mostra um livro que já havia mostrado anteriormente, com uma dedicatória do sobrinho.

três meses de apartamento falamos: “A gente tem que sair daqui porque não há quem viva nesse inferno. Porque aquilo é um verdadeiro inferno na terra. Era bandidagem, assassinato e morte todo dia, era uma coisa infernal. E ali havia uma briga política do Tenório Cavalcanti com Getúlio Moura, de Nova Iguaçu, que queria também entrar no âmbito político do Tenório, e um não deixava o outro entrar. Então volta e meia havia escaramuças daquele *entourage* de cada um, e morria gente daqui, gente dali, coisa e tal. Além da bandidagem, não é? Porque naquela época era Distrito Federal e estado do Rio.

I.F.- É.

N.G.- Então o que acontecia? O trem do subúrbio custava quinhentos réis, e o trem da Raiz da Serra, que vinha de Petrópolis era cinco mil réis — simplesmente dez vezes mais. Eu morava em um lugar que tinha uma estaçõzinha perto, chamada Sarapuí. Mas eu não podia pegar esse trem, eu não tinha dinheiro para isso. Então eu andava seis quilômetros a pé na Rio-Petrópolis todo dia para pegar o trem do subúrbio que, por uma concessão lá de governo, chegava até Caxias. Cortava aquele rio que passa ali entre Vigário Geral e Caxias — eu não sei se é o próprio rio Sarapuí. É um daqueles rios famosos da Baixada. Então, do lado de lá, já era estado do Rio; do lado de cá era...

V.A.- Distrito Federal.

N.G.- Distrito Federal, exatamente. Mas, por uma concessão lá de governos, porque tinha muita gente de Caxias que trabalhava no Rio... Então imaginou o camarada pagar trem a cinco mil réis quando podia pagar quinhentos réis? Então foi feita essa concessão e foi até Caxias. Caxias era um lugar muito populoso já naquela época. Então eu pegava o trem, mas eu tinha que andar seis quilômetros a pé todo dia.

V.A.- E o Pedro II era onde?

N.G.- Na Marechal Floriano. Então eu tinha que sair às nove horas da manhã da minha casa, andar a pé até Caxias, [riso] pegar o trem de quinhentos réis, soltava na Leopoldina, pegava o bondezinho... Aliás eu pegava sempre o taioba, eu não pegava o carro principal...

I.F.- O taioba era mais barato.

N.G.- Porque o taioba era cem réis. [risos] Então eu ia ali, não é? E eu ia lá na Marechal Floriano. Muito bem. Aliás tem uma história lá com o chefe dos bedéis, o velho Arouca, pai desse comunista que está aí, esse metido a sebo que está aí. Ah, o Arouca me ajudou muito! O velho. Porque, com todo o esforço que eu fazia, o portão de... como é que ele chama? Daqueles de abrir e fechar.

I.F.- Correr?

N.G.- É, de correr, fechava pontualmente, é pontualidade britânica: 12:30. Depois que fechava aquilo, ninguém entrava mais. Então a senhora já imaginou a minha frustração? Eu fazia aquele esforço terrível, saía sem comer direito, porque como é que eu ia almoçar às nove horas da manhã?

I.F.- É.

N.G.- Muito difícil, não é? Aí chegava na escola, às vezes às 12:40h, o portão fechado. Ah, meu Deus! Aí um dia estava o Arouca, eu falei: “Dá licença, deixa eu explicar uma coisa para o senhor?” No intervalo lá de uma aula eu expliquei para ele tudo, aí ele falou: “Menino, você está falando a verdade?” Eu falei assim: “Para que que eu ia inventar isso para o senhor? Eu moro muito longe.” Aí expliquei tudo e ele falou: “Mas você mora nessa distância? Você mora lá naquele mato?” Eu falei: “É lá.” Pertinho das ruínas do castelo da marquesa de Santos, não sei se a senhora conhece o lugar, as ruínas. É capaz de hoje não existir mais, porque aquelas ruínas ali eram tremendas ruínas na época em que eu andei por lá. Hoje, se não restauraram aquilo, eu não sei como é que está. Porque d. Pedro dava as fugidas dele para ali, não é? Porque aquilo era mato naquela época. [riso] Marquesa de Santos. Deu aquele castelo para ela, não é? Então o Arouca disse assim: “Meu filho, então nós vamos fazer uma coisa.” Não sei se vocês conhecem bem: ali atrás... Tem a Marechal Floriano e o Pedro II. A rua atrás, paralela, chama-se Leandro Martins. Na esquininha da Leandro Martins com aquela rua principal que vem do cais do porto, que agora não está me vindo à cabeça — ela vem do cais do porto — tinha a porta, uma porta pesadíssima que ninguém usava mas que dava para os fundos lá, internamente, de um bar que atendia a gente — vendia uma coca-cola, vendia um guaraná, vendia um sanduíche para a gente, não é? E eu me lembro muito bem, a dona era uma portuguesa chamada d. Maria. Ele me levou lá na d. Maria e falou: “D. Maria, este moço, quando chegar atrasado, vai bater na porta da senhora da seguinte maneira.” Ele ainda falou assim para mim: “Você faz assim: você bate duas vezes, dá um intervalo e bate a terceira vez, entendeu?” “Entendi.” Falou: “D. Maria, a senhora entendeu bem? Duas vezes, depois bate a terceira, aí a senhora abra a porta, que é ele. Mas ninguém pode saber disso. Estou fazendo isso para ele, porque eu estou acreditando nele, ele mora longe.” Então o velho Arouca fez isso para mim. Graças a Deus não perdi mais aulas, porque era duro, depois daquilo tudo, você...

V.A.- Então havia esse pendor para matemática...

N.G.- Eu acho que sim.

V.A.- O senhor achou que podia ser engenheiro. O irmão do senhor fez faculdade? Esse que fez o Pedro II?

N.G.- Não.

V.A.- Não. Então o senhor foi o único que fez curso superior na família?

N.G.- Fui o único. E por causa disso os meus irmãos se cotizaram e me deram um anel de engenheiro. Precisaram se cotizar para me dar um anel de engenheiro.

V.A.- É, que bonito.

N.G.- É a jóia mais bonita que eu tenho dentro da minha casa. [emoção]

V.A.- É, imagino.

I.F.- Mas aí o senhor conseguiu fazer a faculdade, formou-se, e como é que o senhor veio bater aqui em Volta Redonda? Convite, concurso, como foi?



N.G.- O negócio foi o seguinte. Eu trabalhava como calculista de colunas, ligas e lajes naquelas grandes construtoras que tinha no Rio naquela época. Uma delas, inclusive, era a construtora Nova York — não sei se a senhora lembra dessa construtora enorme. Tinha uma outra também que mais ou menos competia, era Carvalho Hosken — já existia naquela época, hoje eu nem sei.

I.F.- Ainda existe.

N.G.- Ainda existe? Muito bem. Então a gente, que... Eles sabiam, eles eram danados; eu acho que eles iam nas escolas, saber lá com os professores, que saía muito mais barato botar um bom estudante calculando, do que...

I.F.- É, em vez de um calculista.

N.G.- E deixar tudo pronto. Deixar, pelo menos manualmente, a ferragem traçada, coisa e tal. Porque a gente fazia isso tudo, tá? E pagavam para a gente 1.500 a hora. [risos] Quando a gente chorava um bocadinho, às vezes davam dois mil réis. [risos] Por hora. Ok, ótimo, tudo bem. A gente... com esse país de inflação, isso que vocês estão vendo aqui, não é? Coisa terrível. Então eu fiz muito trabalho assim. Um belo dia, um professor, me lembro até do nome... professor, não: o engenheiro de uma firma, dr. Jessé, chegou perto de mim e falou assim: “Ô Néelson, apareceu aqui um problema que talvez você possa ajudar. Você conhece o dr. Maurílio?” Quando ele falou assim, “dr. Maurílio”, eu falei assim: “Espera aí, dr. Maurílio?” Ele falou assim: “Esse engenheiro foi meu colega, coisa e tal. Ele é casado com uma moça de Barra do Pirai.” Aí me alertou. Aí conversa daqui, conversa dali, eu falei assim: “Ué, esse conheço, conheço. Ele não é baixinho? É casado com a d. ....” Como é que chama ela, meu Deus? Uma senhora loura, mais alta. A Sônia vai lembrar depois. Eu falei: “Conheço sim.” Ele falou: “Pois é. Eles estão lá com uma coisa que tem uma vaga para um serviço lá por administração. Quem sabe seria bom para você? Você não quer conversar com o dr. Maurílio?” “O que é?” Ele falou assim: “O negócio é o seguinte: é sobre fundações de mar.” Muito bem, eu disse: “Ok, eu converso.” Aí ele me deu coisa e tal... “Ele até vai gostar de conversar porque você é de Barra do Pirai e não sei o quê, coisa e tal.”

Aí eu fui. Consegui uma entrada lá no Arsenal de Marinha e fui conversar. Ele falou: “Ah, você é irmão do Hélio.” Elizabeth — agora eu me lembrei! A Elizabeth tinha sido colega da irmã da Sônia, esposa do pai desse rapaz aqui. Coitadinha, ela hoje está praticamente em cadeira de roda. Depois da morte do filho, então. Porque o filho morreu no dia 25 de maio, ela está inconsolável até hoje, está uma coisa bárbara, não sei como nós vamos resolver este problema. Então eu fui conversar com o dr. Maurílio. Conclusão: eu ia ser contratado para a administração... E eu tenho a minha carteirinha até hoje, lá do Arsenal de Marinha, contratado para ir ajudar a chefiar um serviço de fundações de mar. E eu trabalhei praticamente um ano nisso com o dr. Maurílio, dr. Cavalcanti... Eu ia lá para a base. Vocês atravessam bem aquela ponte, a Rio-Niterói? Não tem o último apoio numa ilha, na terra, Mocanguê Grande? Mocanguê Grande. Exatamente. Ali ainda tinha uma casinha assim no flanco do morro, na vertente virada para a terra, não virada para o mar. Tinha uma casa em que eu ficava quando dava temporais muito violentos. Eu me abrigava lá e lá eu fazia meus desenhos, minhas coisas para o pessoal que a gente estava trabalhando.

V.A.- Isso o senhor ainda estudava?

N.G.- Estudava na escola. Eu estava fazendo lá meus cálculos de engenharia, vigas, colunas, coisa e tal, quando esse dr. Jessé, que foi colega do dr. Maurílio...

V.A.- Sugeriu que o senhor entrasse em contato.

N.G.- Isso. Conclusão: trabalhei nesse serviço mais ou menos um ano. Aí eu me formei. Me formei, eles até me ofereceram, quiseram que eu ficasse lá. É aí que talvez esteja aquilo que eu falei, não é? Aí eu não sei, não tinha gênio para ficar ali, não sei... Minha natureza é outra, aí eu não aceitei. Não aceitei, trabalhei numa firma que também não deu muito certo. Aí, quando eu vim visitar a família em Barra do Piraí, o meu irmão Lauro falou assim: “Por que você não vai para a Siderúrgica, então? Companhia Siderúrgica Nacional. Eu sei que lá estão precisando muito de engenheiros, não sei o quê e tal, porque vai começar uma fase de expansão, não sei o quê, tal, tal.” Aí eu vim, conversei aí com... me lembro até muito bem: sr. Sérvulo Rodrigues Frago, que trabalhava no pessoal. Aí eu expliquei para ele que eu estava... “Não, mas não tem problema, você está admitido agora.” Porque precisava mesmo, não é? Quer dizer, não chegou a ponto de fazer como fazia no passado — porque no passado os engenheiros vinham para a rua e laçavam o camarada para trabalhar lá dentro, praticamente. No passado não tinha mão-de-obra, era uma dificuldade danada.

V.A.- E o senhor já tinha ouvido falar da CSN?

N.G.- Já.

V.A.- Do projeto?

N.G.- Já! Já, porque isso foi... Eu vim para cá em 54; a Siderúrgica foi inaugurada, vamos dizer, oficialmente em 9 de abril de 41, começou a operar em 46 — quer dizer, a primeira corrida de alto-forno foi em 46, a corrida de aço. A corrida de aço eu sei até o mês, quer ver? 12 de outubro de 1946 foi a primeira corrida na aciaria.

V.A.- E o senhor lá na escola de engenharia conversava a respeito?

N.G.- Ah, a gente sabia. Sabia porque inclusive eu, como presidente da cooperativa, tinha muita ligação. Então a gente vivia conversando com aqueles engenheiros, coisa e tal. Voltando ao passado: havia um engenheiro chamado Hélio Santana, esse homem também foi uma maravilha para mim e nunca tinha me conhecido, nunca tinha me visto antes. Posso contar?

I.F.- Pode.

N.G.- Eu estava vendendo os estojos — vou mostrar até para vocês, inclusive a carta que eu trouxe comigo, a cartinha... Nós estávamos vendendo, a gente tinha muito crédito na praça. A senhora é do Rio e sabe. Livraria Freitas Bastos, Livraria Cosmos, Civilização Brasileira, Livro Técnico... A senhora se lembra disso tudo, não é?

I.F.- Lembro.

N.G.- Estojos Kerne, régua de cálculo Arquimedes.

I.F.- Isso tudo vocês vendiam na cooperativa de estudantes?

N.G.- Régua alemã Klein Logel, tudo isso a gente vendia.

V.A.- Na cooperativa dos estudantes?

N.G.- Na cooperativa dos estudantes da Escola Nacional de Engenharia. A nossa cooperativa era uma entidade jurídica, isolada do Diretório Acadêmico — aquilo que eu falei que os comunistas não suportavam.<sup>2</sup> Chegaram a armar armadilhas para mim, inclusive. Armaram duas armadilhas para mim, para denegrir o nome da cooperativa.

V.A.- E esse engenheiro, então, que ajudou o senhor, ele sugeriu também Volta Redonda?

N.G.- Sabe o que é? Um cara muito rico. Não. Ele um dia chegou e falou assim: “Quem é o Néelson aí?” Por acaso eu estava lá. “Sou eu.” Ele chegou perto de mim e disse: “Olha, eu fiz uma bobagem, eu estive na Suíça, estou voltando da Suíça. Comprei aparelhos de topografia modernos.” Ele falando para mim. “Modernos. Comprei tanta coisa e esqueci de comprar um estojo de desenho.” Ele falando. Falou: “Será que você me vende um estojo?” Eu disse: “É claro, ué. Está sobrando aí e eu sei que eles vão gostar. Já vendi o que tinha que vender para os estudantes, não tem nada de mais vender para o senhor, não. Vendo sim.” Ele escolheu até o maior de todos. Aí fomos conversando, conversando, conversando, e ele falou assim: “Eu estou com um aparelho de topografia, não sei para que eu comprei.” Era um Wild T2. Bom, isso aí é coisa técnica, vocês não sabem. Na época era moderníssimo. Ah, quando ele falou aquilo, ah, meu Deus! Se eu pudesse ter esse aparelho, porque eu já estava trabalhando... Porque, quando a gente se forma na escola no segundo ano, quando a gente passa para o terceiro ano, você passa a cadeira de topografia — topografia é dada no segundo ano. E havia uma lei, não sei se essa lei ainda existe aí, mas havia uma lei que conferia...

I.F.- O título de topógrafo para o estudante. Ah, eu não fiz outra coisa. Eu comecei a me virar da maneira que podia para pegar trabalhos de topografia. E eu tinha tanta sede de fazer aquilo... Aí entra um outro homem, o professor Otávio Cantanhede.

I.F.- Cantanhede, professor muito conhecido.

N.G.- Professor da cadeira de topografia. E tinha um irmão que trabalhava com ele, um mais velho, cujo nome agora não está me vindo à cabeça.

I.F.- Plínio?

N.G.- Plínio... Não, não. Plínio, vou falar dele aqui na Siderúrgica.

I.F.- César.

N.G.- Eu acho que era o César, que era um mais velho que o Otávio. Aí um dia conversando com ele, ele virou-se para mim e falou assim: “E se eu emprestar o aparelho para você?” [risos] Eu falei: “Professor, mas o senhor vai me emprestar o

---

<sup>2</sup> Refere-se a conversas mantidas antes da gravação do depoimento.

aparelho da escola?” Ele falou: “Bom, você não tem cuidado? Você não pegou um serviço para fazer?” Eu fiquei com um medo danado, porque... o aparelho da escola, mas eram aqueles aparelhos antigos, compreendeu, que serviam para a gente estudar. Pois bem, eu peguei um serviço com aquele aparelho. Mas, meu Deus, eu tive um cuidado danado! Foi lá em Campo Grande. Muito bem. Ok, tudo bem, coisa e tal. Ele deixou a gente trabalhar, fazer a planilha no aparelho lá da escola. Com aquele aparelho muito bacana, a senhora corre o diâmetro vertical, tudo milimetrado para marcar os pontos, entendeu? Nós trabalhamos lá, que o serviço era um serviço grande. O Otávio Cantanhede foi muito bacana. Aí ganhamos.

V.A.- Esse outro então deu...

N.G.- Não, escuta só. Aí ganhamos dinheiro. Fomos ganhando um dinheirinho daqui, um dinheirinho dali, coisa e tal, fomos juntando. Aí eu e um japonês, Hiroshi Iuanaga, era muito amigo meu, nós juntamos dinheiro. Aí, um belo dia, esse engenheiro Hélio Santana, quando comprou o aparelho de desenho, falou assim: “Moço, você trabalha com topografia?” “É.” “Então você vai ter o seu aparelho.” — assim que ele falou para mim. Eu olhei, falei assim: “Eu vou ter meu aparelho como?” Um aparelho daquele naquela época... Sabe por quanto ele vendeu o aparelho para nós? E vendeu barato! Dezesete contos de réis! Era dinheiro para nós! Para você ter uma idéia, para eu ganhar, naquela época, um conto e duzentos mil réis por mês, eu tinha que dar muita aula — por mês! Como é que eu ia comprar um aparelho de dezesete contos? Aí ele virou-se e disse: “Vai ser seu o aparelho.” Eu falei: “Mas o senhor nem fala uma coisa dessas, o senhor está me botando... fazendo uma tentação, que eu não tenho capacidade de resistir a isso.” [risos] Eu brinquei com ele. Ele falou: “Não, o aparelho já é seu.” “Faz isso, não, que é isso?” [risos] Ele nos vendeu o aparelho. Sabe como? Nós demos cinco contos de réis de entrada e assinamos 12 promissórias de um conto de réis. Sem juros, sem correção monetária, sem nada. Que ele falou assim: “Meu filho, eu não quero correção monetária, eu não quero nada. Todo mês, no final do mês, você me dá um conto de réis.” Ele morava em um verdadeiro palacete lá em cima de Santa Teresa. Aquilo era um palácio. Eu não sei mais onde está. Então eu ia lá levar o dinheiro para ele. Aquele homem ajudou indiretamente muito a gente, Nossa Senhora!

I.F.- Mas aí o senhor veio para cá?

N.G.- Aí... Bom, aí trabalhamos muito em topografia.

V.A.- Aqui o senhor trabalhou muito em topografia?

N.G.- Não, aqui não. Aqui eu já vim como engenheiro mesmo. Vim em 25 de maio de 54.

I.F.- Aí foi lotado em...

N.G.- Aí eu fui para o famoso NEU naquela época, Núcleo de Expansão da Usina.

I.F.- Já pegando a segunda fase.

N.G.- Exatamente.

I.F.- Com outro financiamento...

N.G.- Perfeitamente. Porque a verdade é a seguinte: o primeiro... Aliás, talvez a senhora saiba melhor do que eu até, mas eu conheço bem a história da companhia porque eu mexi muito com esse assunto, muito. Aliás, Volta Redonda, a meu ver, comete uma ingratidão *imensa* com o general Edmundo de Macedo Soares. Esta figura teve uma importância tão grande para o Brasil inclusive. E ele não é reverenciado como deveria — a pessoa. O que aquele homem fez está fora de série. Ele andou exilado uns tempos, não é?

I.F.- É.

N.G.- E ele morou em Paris. Muito bem, um belo dia, o Getúlio...

[FINAL DA FITA 1-B]

V.A.- Sim. Pode falar.

N.G.- O Getúlio — repetindo: a meu ver, o maior ditador que o Brasil teve, no entanto um dos presidentes mais queridos. Quer dizer, a princípio parece uma coisa paradoxal, não parece?

I.F.- É.

N.G.- Mas, é a pura verdade. Ele foi muito querido e, no entanto, um ditador que jamais houve no Brasil. Por quê? Ele cansou de tentar exercer democracia com o Congresso aberto, ele cansou, o homem não agüentou. Encheram tanto a paciência dele que num belo dia ele deu um soco na mesa — isso foi em 37, quando ele criou o Estado Novo, não é? Fechou o Congresso, fechou câmaras de vereadores no Brasil inteiro, fechou câmaras de deputados no Brasil inteiro — deputados estaduais — tirou todos os governadores e botou interventores dele, sendo que no estado do Rio o interventor foi o genro dele, o Amaral Peixoto, marido da Alzira. Muito bem. Quem lê uma coisa dessa hoje diz: “Pô, esse homem era um sangüinário, não sei o quê ...” Não tem nada disso. Era queridíssimo pelo povo, e merecia. Por quê? Porque democracia não é para qualquer povo, não. Infelizmente. É triste, mas é a realidade. O povo brasileiro, muito pouca cultura, também consequentemente tem muito pouca cultura política, não aprendeu ainda. Então a democracia cobra um preço muito caro.

V.A.- Vamos voltar então ao Núcleo de Expansão da Usina. O senhor entrou e era o quê? O senhor trabalhava em engenharia civil?

N.G.- Civil.

V.A.- E aí trabalhou na expansão do tal do Plano C?

N.G.- Isso.

V.A.- Como foi isso?

N.G.- O negócio foi o seguinte. Eu fui destacado para um canteiro, que era o canteiro para a expansão da central termelétrica. Já existia a central termelétrica, mas ela foi expandida. Eu peguei a extensão do edifício para construir a caldeira número 7. Caldeira número 7 ou caldeira número 6? Aí eu estou na dúvida, depois nós vamos ver. Eu sei que foi a expansão para construir a caldeira e, conseqüentemente, a instalação da turbina para a geração de energia elétrica.

I.F.- Qual era o engenheiro responsável por isso?

N.G.- Nessa época?

I.F.- É.

N.G.- Do núcleo geral da expansão era um outro grande homem, espetacular, pessoa idônea, excelente, homem de moral espetacular, Mauro Mariano da Silva.

I.F.- Que era primo do general Edmundo Macedo Soares.

N.G.- Exatamente. Excelente indivíduo, homem muito idôneo, pessoa... Eu gosto de falar das pessoas, e não da qualificação: se o camarada é soldador, se ele é engenheiro, se ele é... Isso não me interessa; interessa é a pessoa. O Mauro era um homem espetacular, muito trabalhador, um homem...

I.F.- Foi responsável por toda essa parte elétrica aqui, não é?

N.G.- Não, não, ele era responsável pela expansão toda da usina, porque essa expansão ocorria concomitantemente em todos os canteiros da usina, não é? Então quando foi feita essa expansão, estava sendo construído o alto-forno 2, inclusive eu trabalhei na base do queimador de gás. Não lembra que eu falei para a senhora? Que houve até um acidente lá, uma vez? — eu posso até relatar isso depois. Mas então eu fiz a extensão do prédio da CTE, da central termelétrica e das fundações do *skip*, dos poços do *skip*, aquela coisa toda.

V.A.- *Skip*?

N.G.- É o carrinho que pega a moinha de coque para levar para dentro da caldeira, para injetar na caldeira — que a caldeira era alimentada com moinha de coque, para aproveitar, para não jogar fora, não é?

I.F.- Lógico.

N.G.- Que aquilo é combustível, e combustível, vamos dizer, sólido e de alta qualidade. Mas aí aconteceu uma coisa um pouco estranha: passados uns tempos, eu não sei por que cargas d'água...

I.F.- Só um minutinho. O senhor formou-se engenheiro civil?

N.G.- Engenheiro civil, só.

I.F.- Aí passado algum tempo...

N.G.- Passado algum tempo, eu fui chamado, e tinha um engenheiro — eu não vou citar nome — que era responsável pela parte elétrica e a parte mecânica das instalações desse prédio. Quer dizer: instalar caldeira, instalar a turbina, turbina geradora de energia elétrica... Eu depois vou explicar por que isso. Eu fui chamado e ele falou assim: “Olha, não tem jeito, vou ter que mandar esse engenheiro embora.”

V.A.- Quem falou isso?

N.G.- Ah, mas eu não estou querendo falar isso.

V.A.- Alguém falou para o senhor.

N.G.- “Vou mandar este engenheiro embora, e você vai assumir tudo.” Aí eu falei: “Mas espera aí. Eu vou assumir essa parte?” Ele disse assim: “Não tem problema. Não tem problema, você assume, porque eu não agüento mais esse engenheiro.” Eu sabia que ele tinha razões para fazer isso, porque esse engenheiro que foi dispensado não saía da cadeira dele.

I.F.- E o trabalho aqui não era de brincadeira.

N.G.- Oh, meu Deus do céu.

I.F.- Pelo que nós temos visto aí, trabalho aqui era o que não faltava. O que faltava era tempo para sentar na cadeira.

N.G.- Exatamente. E roupa para mudar, que a gente se enchia de lama. Quer dizer, o engenheiro que realmente quisesse conhecer os serviços e dar as ordens... Porque esse negócio de ficar de longe, só...

I.F.- Tem que meter a mão na massa.

N.G.- Porque inclusive o operário passa a não te respeitar direito, você não tem moral nenhuma. Um chefe que não conhece as agruras e as adversidades do operário em serviço, como é que ele vai dar ordem direito? Ele vai ser odiado, não respeitado. Odiado vai, isso eu tenho certeza, mas respeitado, não.

V.A.- Então o senhor assumiu a chefia... Qual foi a chefia que o senhor assumiu, qual era o nome oficial disso, o senhor sabe? Eu só queria entender o que era: chefia do que o senhor assumiu nesse momento, no lugar desse engenheiro?

N.G.- Espera aí... Era o canteiro de obras... Como é que era o canteiro de obras da CTE? Canteiro de obras da expansão da CTE, Central Termelétrica. Eu confesso que não me lembro o nome.

V.A.- Era só para poder situar.

I.F.- O senhor então passou para a chefia desse setor?

N.G.- Aí eu passei a me responsabilizar por todos os serviços que ocorriam naquele canteiro. Porque até então eu era chefe apenas da parte de obras civis, mas aí eu passei a responder pela construção da caldeira.

I.F.- Parte elétrica...

N.G.- É. Mas aí eu falei com o engenheiro. “Olha, você tem que mandar...” Ele falou: “Não tem problema, pode deixar que eu mando engenheiro da elétrica, a gente manda, porque a gente tem mais engenheiros.” Então eu falei. “Está bem, então eu assumo.”

V.A.- Isso foi quando, o senhor tem idéia? Mais ou menos.

N.G.- Foi no ano de 54.

V.A.- Ah, já logo? Assim que chegou?

N.G.- É.

V.A.- Chegou em maio de 54...

N.G.- Quer dizer, deve ter sido uns dois meses depois, no máximo.

[INTERRUPÇÃO DE FITA]

I.F.- Mas aí mandaram os engenheiros especialistas em vários setores para trabalhar no canteiro?

N.G.- Não, não. Eles andavam em todos os canteiros, porque, além das chefias nos canteiros, tinham aqueles engenheiros também que...

I.F.- Que rodavam em vários canteiros.

N.G.- É, está entendendo? Por exemplo: o engenheiro especialista em elétrica não podia ficar em um lugar só; o engenheiro especialista em mecânica fina não podia ficar em um lugar só. Está entendendo? Então seria um desperdício. Agora, o engenheiro civil não, o engenheiro civil, era aquela obra imensa, brutal, que o cara tinha que ficar ali o dia inteiro: tá tá tá... Está entendendo a diferença?

V.A.- Então geralmente as chefias do canteiro de obras eram exercidas por engenheiros civis?

N.G.- Ah, geralmente era, geralmente era. Depois é que começava a entrar a especialização: engenheiro mecânico, na hora da montagem dos equipamentos, da parte elétrica.

V.A.- E o senhor então ficou nesse canteiro da Central Termelétrica até quando? O senhor tem idéia?

N.G.- A data certinha, certinha eu não me lembro, mas foi no final de 54 ou princípio de 55, quando eu fui convidado para passar para a companhia propriamente dita.



V.A.- Como assim? Antes não era?

N.G.- Não. Quem era do Núcleo de Expansão da Usina... era um serviço contratado.

V.A.- Então o senhor não era funcionário da CSN?

N.G.- Não, 100% não era. Era uma...

V.A.- Empreiteira?

N.G.- Era uma espécie de... com uma regulamentação especial. O engenheiro não era engenheiro da CSN propriamente dita.

V.A.- Mas a CSN era quem contratava, quem pagava o salário.

N.G.- Exatamente, através desse núcleo de expansão. Quando acabassem as obras, deveria ser... É contrato com prazo determinado.

V.A.- Ah, então em 55 o senhor já foi incorporado aos quadros...

N.G.- Aí, sim, aí me convidaram para passar para a CSN.

V.A.- E aí o senhor foi para onde?

N.G.- Fui para o GMA-R. [riso]

I.F.- Só um minutinho. Nessa ocasião em que o senhor veio para cá, o presidente da CSN era o general Sílvio Raulino de Oliveira, não é?

N.G.- Não, em 54 era o general Edmundo Macedo Soares e Silva.

I.F.- É, no começo foi o general Sílvio Raulino.

N.G.- Não. No começo foi o Guilherme Guinle. Cuidado.

I.F.- Eu digo no começo de 54. Em setembro de 54 é que entrou o general Edmundo.

V.A.- Depois da morte do Getúlio.

N.G.- É. Eu peguei um pouquinho o general Raulino, mas não tive contato. Aliás, a gente não tinha contato com os presidentes, era muito raro, muito raro.

I.F.- E esse setor em que o senhor trabalhava era um setor subordinado a qual direção? Direção industrial?

N.G.- Não. Eu era subordinado ao engenheiro Mauro Mariano da Silva, que era o chefe do NEU, Núcleo de Expansão da Usina. Agora, o Núcleo da Expansão da Usina estaria ligado a quem na CSN? Não sei. Diretor de obras? Olha, confesso que esse detalhe aí eu não me lembro.

V.A.- Aí em 55 o senhor foi para a GMA-R? O que é isso?

N.G.- Grupo de Manutenção Refratária.

V.A.- O que é o A?

N.G.- É o A de *manutenção*. GMA-R — se eu não me engano até tinha um tracinho. O grupo de manutenção era uma coisa geral da usina: manutenção geral, manutenção mecânica, tudo, compreendeu? Tudo junto. E essa manutenção refratária fazia parte desse grupo, por isso que era GMA-R...

V.A.- Entendi. E aí o senhor então...

N.G.- Aí eu fui para lá.

V.A.- Já era subordinado ao diretor industrial?

N.G.- Já, aí passou a ser...

V.A.- Aí era o dr. Renato que era o diretor industrial.

N.G.- Renato Rodrigues Frota de Azevedo. Exatamente.

V.A.- E o senhor fazia o quê nesse Grupo de Manutenção Refratária?

N.G.- Bom, aí eu entrei como engenheiro. O chefe dessa manutenção refratária era o engenheiro João Gori. Ele já era um senhor, assim, com uma certa idade e conversando com uma outra pessoa, essa pessoa praticamente me pediu que eu fosse para lá, porque eles não tinham pessoas para botar naquele local. Eu não sei se vocês sabem, o refratário é uma coisa muito especializada.

I.F.- É o tijolo refratário para agüentar temperaturas de mais de mil graus?

N.G.- Ele é muito especializado. Sabe por quê? Porque, por exemplo, no Brasil não havia pedreiro refratário fácil — aliás eu vou entrar nesse detalhe depois. Não havia; era muito difícil você formar o pedreiro refratário, porque ele era especificamente de uma indústria siderúrgica, e aqui no Brasil praticamente não tinha indústria siderúrgica. Indústria siderúrgica em escala industrial, a primeira foi essa. Então, o que a companhia teve que fazer? A companhia praticamente teve que *roubar* — quase que a laço e a revólver no peito — operários lá de Minas Gerais para vir para cá, que aprendiam só na experiência, mais nada, quase tudo analfabeto, mas tinham grande experiência, e às vezes pessoas inteligentíssimas. Jogou-se muita inteligência fora, essa que é a verdade. Porque Deus nos dá essa potência, nos dá essa potência que está aqui dentro, mas se você não faz uso dela, não adianta nada.

I.F.- E o senhor recebia esses técnicos, esses...

N.G.- Não, não. Quando eu vim para cá, esse pessoal já tinha vindo.

I.F.- Pois é, mas aí na hora de...

N.G.- Ah, bom. Aí surgiu um problema. Eu comecei a perceber que a CSN estava muito mal preparada para aposentar aquele pessoal que ela trouxe de Minas Gerais; ela não tinha ninguém.

I.F. Para substituir?

N.G.- Ela não ensinou ninguém. Aí eu fiz uma coisa, se vocês quiserem ver. Ah, mas eu tenho que buscar.

[INTERRUPÇÃO DE FITA]

N.G.- Está aqui.

I.F.- [lendo] Livro de pessoal. Curso de Formação de Mestres do DRE.

V.A.- DRE é o quê?

N.G.- Departamento de Refratário. Aí o GMA-R passou a ser departamento e saiu desse grupo, e eu fiquei subordinado diretamente ao engenheiro Mauro Mariano da Silva, que nessas alturas era diretor, diretor de obras. Então aqui o que que eu fiz? Eu preparei esse curso. Está aqui: Curso de Formação de Mestres do DRE.

V.A.- Em 26 de maio de 68.

N.G.- Não, em 61.

V.A.- Não, eu estou vendo aqui, olha.

N.G.- Não, mas isso aqui é já depois. Olha lá, a primeira publicação foi em 61. Isso aqui já é uma revisão.

V.A.- Ah, está certo.

N.G.- Quer dizer, quando eu comecei a perceber que a companhia ia ter um problema muito sério, porque ela não tinha mestres para substituir aquelas pessoas mais velhas, que naturalmente iriam se aposentar e tinham muita experiência lá do passado em Minas Gerais, então eu comecei a preparar o pessoal. Eu escrevi essa apostila: “Noções e aplicações de materiais refratários”. Tem os capítulos aqui: histórico, fabricações, peças originais, suas derivadas, tijolo unitário, equivalência, classificação dos refratários de acordo com as propriedades químicas e físicas, aplicação do material refratário de um modo geral e na CSN, características principais do equipamento, elementos construtivos, determinação do elemento geométrico, cálculos de materiais técnicos, construção e reconstrução. Então havia... não adianta a gente discutir isso tudo aqui.

I.F.- É, e a gente nem entende.

N.G.- É muita coisa.

V.A.- Como era dado esse curso?

N.G.- Ah, bom, aí é que começam as dificuldades. A primeira coisa que eu fiz foi a seguinte... Porque eu sempre tive esse pensamento: nem sempre o melhor pedreiro vai ser o melhor mestre, nem sempre. O sujeito muitas vezes pode ser um bom pedreiro, mas não tem uma aptidão natural para comando. E um mestre precisa ter isso. Então o que eu fazia? Lá nos meus afazeres diretos nos fornos, nas paradas dos fornos, eu ficava vendo a desenvoltura dos meus homens, dos meus pedreiros. Então ia indo, ia indo, eu começava a escolher: aquele ali tem aptidão, ele não faz só o que mandam, não, ele faz o que mandam e ainda faz mais. Esse serve, aquele serve... Então comecei a escolher o pessoal. Botei primeiro aprendendo um pouquinho de português e um pouquinho de aritmética num curso anterior...

I.F.- Eram completamente ignorantes, só sabiam o trabalho manual?

N.G.- Exato. Coitados, inteligentes, mas...

I.F.- Sem cultura.

N.G.- Não tinham o menor nível de cultura, coitados. Tudo deles era só experiência. Então comecei a ensinar muita coisa para facilitar... Eu falei assim: “Você sabe o que quer dizer temperatura?” Ele só sabia dizer que era quente para burro. [riso] Pronto e acabou. Eu falei: “Não pode abaixar demais a temperatura do forno. Você sabe por que que não pode?” Isso ele já não sabia. “Então eu vou tentar explicar para vocês, coisa e tal.”

V.A.- Mas esse curso de matemática e português era dado por quem?

N.G.- Lá no meu departamento mesmo, no meu departamento mesmo.

V.A.- Quem dava esse curso?

N.G.- Era o meu secretário Antônio da Cruz Ferrão, um secretário que eu tive muito bom, tinha até um nível de cultura ótimo esse rapaz. Antônio da Cruz Ferrão, meu secretário.

V.A.- E ele que ensinava português e matemática?

N.G.- Eu botava ele, vamos dizer, lapidando um pouco os homens lá. Eu não podia, eu tinha que continuar a minha função como chefe do departamento... Porque chegou em um ponto em que eu acabei sendo o chefe do departamento, o engenheiro acabou saindo por doença e eu o substituí, está entendendo?

V.A.- O João Gori?

N.G.- O João Gori. Exatamente. Por isso é que eu falo: a companhia construiu esse prédio aí, faraônico. Eu acho que na época foi um erro, um exagero.

V.A.- Qual prédio, esse do escritório central?

N.G.- É. Faraônico, é. Esse bichão que está aí. O Brasil ainda era um país pobre, não podia fazer isso ainda naquela época. E fizeram, inclusive, para trazer até a presidência da companhia para cá. A presidência veio? Não, continuou lá na Treze de Maio. Coisas de empresa que está muito ligada ao Estado. É um desastre. É meu ponto de vista. Cada um tem o seu ponto de vista, não é?

V.A.- Mas, então, o Antônio da Cruz Ferrão dava as aulas de matemática e português?

N.G.- E aritmética, vamos falar aritmética.

V.A.- Não era matemática...

N.G.- É, porque matemática você já vai na álgebra, aí nem podia falar em álgebra com esse pessoal. Então era aritmética e português, para ter uma noçãozinha. Porque tinha muita gente que nem podia ler isso que está aqui. Tinha gente que não lia e, quando lia, não entendia.

V.A.- Quem eram os alunos do curso de matemática? Português eram os que o senhor considerou que fossem capazes de ser mestre.

N.G.- Exato. Primeiro foi isso, escolhidos por mim. E depois, eles mesmos... Aí, depois que eles estavam um pouco burilados, eu comecei a ensinar essa parte.

V.A.- O senhor. Aí não era mais o Antônio...

N.G.- Não, não. O Antônio da Cruz era aritmética e português. Aí eu já comecei a ensinar, diretamente, isso aqui.

V.A.- O senhor mesmo dava a aula?

N.G.- Eu é que dava aula.

I.F.- E o senhor mesmo que fez a apostila?

N.G.- Eu mesmo que fiz a apostila. Está aqui o meu nome.

I.F.- É, eu li.

N.G.- Néelson Muniz Guimarães, chefe do DRE.

V.A.- Então o senhor dava aula para esses mestres?

N.G.- Eles ainda não eram mestres. Eles eram pedreiros.

V.A.- Certo.

N.G.- E eu escolhi. Agora, eu não ia escolher, por exemplo, um pedreiro já com muita idade. O que ia adiantar para mim? O camarada já estava pensando na aposentadoria dele... Eu não ia escolher um homem, assim, com a saúde meio abalada. Quer dizer, eu tive que pensar muito em juntar tudo. Eu comecei a escolher os mais jovens que tinham

bastante saúde, coisa e tal. Eu falei: “Bom. Eu preciso resolver esse problema, porque a própria CSN ainda não se apercebeu deste problema.” Porque ela só pensou na Escola Técnica Pandiá Calógeras, que foi fundada lá, ok, tudo bem, bacana, ótimo. Mas na parte de refratário não tomaram providência nenhuma. Justamente a coisa mais séria. Sabe por quê? Vamos voltar atrás. Por exemplo: naquela época já havia muito mecânico no Brasil, poderia não conhecer mecânica de siderurgia, mas havia muito mecânico, havia muito eletricitista. Então, para o indivíduo passar a fazer eletricidade dentro de uma siderurgia, ele já tinha uma noção básica. Mas pedreiro refratário, não. É completamente diferente de pedreiro de obra civil.

Para vocês terem uma idéia, um tijolo refratário... Vamos dizer, um tijolo de 9 por 4 1/2 por 3 polegadas. Eu fui obrigado a usar muito o sistema americano. Eu vou dizer para vocês por que eu fui obrigado a usar muito isso no princípio, senão o meu problema seria muito maior ainda. Se a senhora pegar um tijolo de barro, comum, de construção civil, ele não chega a pesar uns 700 gramas. Já um tijolo do mesmo tamanho de refratário pesa um quilo e meio. Porque, além de ele ser muito denso — ele é prensado em prensa de quinhentas toneladas, coisa e tal — ele é de matérias-primas que são por si só de um peso específico mais elevado, justamente por causa de ter que agüentar temperaturas muito elevadas.

V.A.- Esses tijolos vinham já para a siderúrgica prontos? Eles vinham de onde?

N.G.- Bom, primeiro de tudo, vinha muita coisa do exterior. Aliás eu vi coisas quando eu entrei que eu falei: “Meu Deus! Nós temos que mudar isso depressa, bem depressa.” Porque a companhia chegava a importar papelão corrugado para fazer junta de dilatação. Papelão de caixote, de caixa. [riso] Era importado! Eu fiquei assombrado quando vi aquilo. Eu falei: “Gente! Tem que mudar muita coisa.” E a nossa indústria refratária no Brasil era nascente, estava no cueiro, está entendendo? Era Magnesita, São Caetano e a Ibar. As três: Magnesita S.A. em Belo Horizonte, lá em Contagem; Siderúrgica Companhia Refratária de São Caetano, em São Caetano, perto de São Paulo; e a Indústria Brasileira de Artigos Refratários, a IBAR.

V.A.- Que era onde?

N.G.- Também em São Paulo — quer dizer, o centro de produção, em Poá. Mas também estavam começando naquela época. E tem mais uma... Aí é que vem aquela história: para que o indivíduo ia aplicar milhões de dólares, por exemplo...? — porque você não podia falar em dinheiro brasileiro naquela época. Qual deles? O da semana passada ou dessa? Entendeu? Por isso que esse troço aqui é uma barbaridade, isto aí é uma verdadeira barbaridade, acaba com todos os países<sup>3</sup>. O imposto mais perverso do mundo chama-se inflação, porque quem sofre mais é o pobre, ele não sabe o que está pagando. [riso] O pobre não sabe que está pagando inflação, coitadinho, ele só chora, chora, mas tem que comprar, não adianta nada. Então era muito difícil você...

V.A.- O senhor está falando que é difícil alguém fazer uma indústria de material refratário...

N.G.- Vender para quem no Brasil?

---

<sup>3</sup> Refere-se ao livro com a dedicatória do sobrinho: uma publicação da Associação Nacional das Instituições do Mercado Aberto (Andima), de séries históricas da inflação no Brasil até o governo Itamar Franco (Rio de Janeiro s/d).

V.A.- Só tinha a CSN...

N.G.- Não tinha. Não, não tinha a CSN no passado. Então não tinha nada. Tinha uns alto-fornos à lenha, de carvão de lenha em Minas Gerais, lá mesmo eles fabricavam os produtos deles, lá na... como é que chama? Belgo-Mineira e outras, e pronto. Acabou, não tinha nada. Quer dizer, em escala industrial foi a CSN. Essas indústrias nossas, no Brasil, custaram muito a aparecer também. Então no princípio vinha muita coisa importada. Agora, por quê? Aí tem um outro detalhe importante. Quando o Getúlio Vargas quis expandir...

[FINAL DA FITA 2-A]

N.G.- Tinha que importar tudo, tudo.

V.A.- Vamos só recapitular um pouquinho. O Getúlio Vargas quis fazer a estrada de ferro...

N.G.- Ele queria expandir a estrada de ferro para levar o progresso para o interior do país.

V.A.- Aí faltava trilho.

N.G.- Isso. Se fosse fazer rodovia, sairia muito mais caro, nem tem comparação. Você sabe disso, não é? Você, para transportar, a *grosso modo*... Vamos fazer uma pequena comparação. Um trem de cem vagões... Porque você pode compor um trem de até de mais de cem vagões, bota 120, você bota duas máquinas... Mas um trem de cem vagões, de 70 toneladas cada um, dá quanto? Dá sete mil toneladas de cargas, está certo? Sete mil. Quantos homens você precisa botar nesse trem para transportar essa carga toda? Você precisa do maquinista, do ajudante, um guarda-freios, um foguista naquela época, porque tinha que pôr dois foguistas... Vamos dizer, exagerar, exagerar, oito homens, certo? Vamos pensar em rodovia, agora. Essas sete mil toneladas... Vamos exagerar: vamos dizer que naquela época um caminhão pudesse pegar sete toneladas — que, de um modo geral, eram só seis, lembra disso? Vamos dizer sete. Sete mil toneladas dividido por sete dá mil caminhões, mil caminhões com dois homens — motorista e mais o ajudante — dá duas mil pessoas contra seis de um trem. [riso] Então a comparação é bárbara só pela mão-de-obra necessária, e por aí vai. Então tinha que pensar primeiro em transporte terrestre mais barato. E mais barato que ele ainda é o hidroviário, mas o Brasil, os nossos governos sempre foram porcaria, porque nós, com essa costa desse tamanho, tivemos sempre uma marinha mercante muito fuleirazinha. Infelizmente é a verdade nua e crua.

V.A.- Está certo. Então o tijolo refratário vinha em parte dessas três indústrias que o senhor falou.

N.G.- Mas, no princípio, o grosso veio todo de fora; para construir a usina veio de fora.

V.A.- Agora, nessa época em que o senhor estava nesse departamento...

N.G.- Ah, não. Aí já tinha muita indústria nacional fornecendo.

V.A.- Aí era mais o brasileiro.

N.G.- Era mais o brasileiro. E nós fomos aumentando cada vez mais a participação do tijolo refratário da indústria nacional na usina, fomos aumentando cada vez mais. Agora, deixa eu te contar um detalhe importante. Quando Getúlio mandou... Getúlio mandou primeiro o Macedo Soares — naquela época ele era capitão — à Europa. Ele foi à Alemanha para ver se obtinha um empréstimo, mas quando o Macedo Soares chegou lá, viu que a Alemanha estava se armando até os dentes, porque ia estourar a Segunda Guerra Mundial. O empréstimo para começar era pequeno, não era tanto, mas a Alemanha disse: “Olha, não quero, nem posso pensar nisso.” Aí, de lá mesmo, mandaram ele a Londres. Coitado: lá, a mesma coisa; chegou lá e não teve jeito. Acho que o Macedo nem precisou vir ao Brasil, mandou ele aos Estados Unidos.

I.F.- Foi direto?

N.G.- Aí ele foi direto para Washington. De Londres ele foi para Washington. Muito bem. Aí começaram os atendimentos, coisa e tal, pá pá pá ... Estuda daqui, estuda dali, entrou o embaixador nosso, um tal de Flávio Pereira...

I.F.- Carlos Martins.

N.G.- Ou Carlos Martins de Sousa, uma coisa assim, não é? Entrou no meio daquilo tudo, coisa e tal. Conclusão: aí o negócio chegou a ponto de nível presidencial, quando Franklin Delano Roosevelt trocou com o Getúlio, fizeram uma negociação: “Bom, eu empresto com uma condição. Aliás, uma, não; duas: Tudo o que você for comprar fora, você vai comprar nos Estados Unidos com esse empréstimo. E outro detalhe: você vai me emprestar essa base de Natal, nós estamos precisando, é muito importante para nós, porque está perto da costa da África.” E assim foi. Aí o primeiro empréstimo foi 25 milhões de dólares; houve um segundo de 20 milhões e depois houve um terceiro de cinco milhões de dólares — os Estados Unidos emprestaram. Mas emprestaram de uma maneira tal que o Brasil teria que comprar esse material nos Estados Unidos. Aliás, era lógico, pois o outro lá está emprestando em uma época de guerra, os outros não puderam emprestar, então eu acho que ele tinha o direito de pelo menos dizer: “Bom, alguma coisa você vai ter de fazer por nós: comprar o nosso material.”

Então o Brasil comprou e nós demos até muito azar, porque dois navios nossos os alemães afundaram e as colunas do desbastador foram para o fundo do mar — devem estar lá até hoje, ninguém foi buscar. E perdemos também cerca de... Quanto é que foi? Eu sei que um navio afundou e levou muito material refratário. Mas muito mesmo! Bastante! O Brasil perdeu em torno de trezentos mil dólares. E negócio de seguro era um problema sério, nós não tínhamos dinheiro nenhum. Quer dizer, os alemães afundaram, aqueles que o Getúlio... Porque o Getúlio tinha uma tendência germanófila. Ele não era nazista, é diferente. Mas ele era meio germanófilo. Aliás, não tinha nada de errado, não, que a cultura alemã é uma cultura de respeito. Então perdemos esse material todo. Começou assim, não é? E a nossa indústria foi crescendo, crescendo, até que chegou a um ponto... Eu mesmo eliminei o pouquinho que tinha de importação, botei tudo para fora, foi tudo material nacional, não havia necessidade. Foi provado, inclusive, em testes de laboratório que eu mandava fazer — eu mandava fazer testes. Apoiei muito a indústria nacional de refratário, muito.



I.F.- Mas o senhor veio para cá como engenheiro civil?

N.G.- Civil.

I.F.- Especializou-se nessa questão de refratário aqui dentro também?

N.G.- Aqui dentro.

I.F.- Qual foi o seu grande professor?

N.G.- Ah, ninguém. Fui eu mesmo lá na obra.

I.F.- Como os outros operários...

N.G.- A mesma coisa.

I.F.- E aprendeu mesmo com a mão na massa.

N.G.- A mesma coisa. Tinha que pegar livros, estudar, e ir para a obra e coisa e tal.

I.F.- Isso passou a ser quase que a sua especialidade, então?

N.G.- Exato.

V.A.- O senhor disse que o senhor entrou no grupo de manutenção refratária, que depois passou a departamento. O senhor sabe quando passou a departamento?

N.G.- Ah, meu Deus! Agora você está...Exatamente assim, não...

V.A.- E o senhor ficou então como chefe desse departamento até quando?

N.G.- Fiquei como chefe do DRE... O dia eu não sei, mas eu saí no ano de 1975.

V.A.- Quer dizer, de 55 a 75...

N.G.- A 75. Só nesse departamento eu fiquei 20 anos.

V.A.- É, então o senhor se especializou mesmo.

N.G.- Espera aí. Foi quando? Foi novembro? Acho que foi novembro de 75.

I.F.- O senhor veio para cá como prestador de serviço, vamos dizer, por um tempo determinado.

N.G.- Foi. Contratado para o Núcleo de Expansão da Usina.

I.F.- Quais as medidas que tiveram que ser tomadas para o senhor passar a ser funcionário da CSN? Quem abriu essas portas? O senhor passou a ter um contrato, como é que foi?

N.G.- Exato, houve um contrato. Eu fui admitido na companhia. Quem me ajudou até muito nessa mudança? O engenheiro Mauro Mariano da Silva.

I.F.- E quando o senhor veio para cá a cidade já estava se emancipando.

N.G.- Não, não. Ela se emancipou um pouquinho depois que eu cheguei.

I.F.- Nessa época.

V.A.- Foi em julho.

N.G.- Porque ela se emancipou em 57.

V.A.- 54, em julho de 54.

N.G.- Não, espera aí. Ela não emancipou em 57, não?

I.F.- Não. Em 54.

N.G.- Ah, foi em 54. É isso mesmo. Foi no ano em que o Getúlio se suicidou, é isso mesmo, está certo.

I.F.- Até aí a CSN era dona de tudo aqui, inclusive das moradias e hotéis onde moravam os engenheiros, os funcionários...

N.G.- Veja bem, a CSN não era bem dona de tudo, cuidado. Ela era dona da cidade nova. A senhora sabe onde é a rodoviária?

I.F.- Sei.

N.G.- Da rodoviária para lá é a cidade velha. Aquilo lá não era... A CSN não tinha nada.

I.F.- A cidade nova. O núcleo onde moravam os engenheiros, os médicos, os técnicos mais gabaritados, todos eram...

N.G.- O operariado todo, que aqui era tudo mato, isso aqui pertencia à fazenda Santa Cecília.

I.F.- Quando o senhor veio, a CSN já estava começando a dividir isso com a prefeitura. O senhor ainda teve direito a residência?

N.G.- Não, ainda não. Passou a ser da prefeitura mesmo muito tempo depois.

I.F.- Mas o senhor ainda teve direito a residência dada pela CSN?

N.G.- Tive, tive.

V.A.- Quando o senhor veio, foi logo morar em uma casa, nos hotéis dos engenheiros, como foi?

N.G.- Não, não, quando eu vim... Espera aí, então vamos lá. Está interessada?

I.F.- Estou.

N.G.- Eu vim para cá eu ainda era solteiro.

V.A.- Sei.

N.G.- Eu vim para cá solteiro. No dia 25 de maio de 54 eu comecei mesmo, fundamentalmente, com carteira profissional pelo Núcleo de Expansão. E eu morava no hotel dos solteiros.

V.A.- Dos engenheiros?

N.G.- Dos engenheiros, ali na rua 33. Então tinha vários hotéis: o 106, o 192, o 66 e outros. O 77, coisa e tal.

V.A.- O do senhor era qual?

N.G.- O meu foi um período... Veja bem, era uma procura danada, não tinha vaga, era um inferno. Basta dizer que eu passei um tempo enorme tomando pensão no Hotel 92. Eu morava em um hotel e tomava pensão no outro. [riso] E depois eu morei uns tempos no 106, que é na esquina da rua 26 com a 33, onde hoje tem uma revendedora de automóveis, tem uma grade vermelha. Ali no 106, eu morei uns tempos. Depois morei no outro lado da rua em um hotel mais para cima, é 107 ou 177? Isso eu não lembro. Morei lá neste hotel.

V.A.- E o horário de trabalho do senhor era diurno, ou o senhor fazia turnos, como é que era?

N.G.- O horário legal era de sete e meia da manhã até as cinco e pouco.

I.F.- Até a construção, não é?

N.G.- É. Agora, nós, os engenheiros, a gente não tinha muito horário. Era muita coisa de obra, surgia um problema sério de última hora, então você tinha que dar instrução para as pessoas, coisa e tal. Aí a gente ia embora para casa já tinha anoitecido... Era assim. E você não ganhava hora extra.

V.A.- Hora extra não ganhava.

N.G.- Não, nessa época, não. Para engenheiro, não.

I.F.- E o senhor já recebia a girafa?

N.G.- Recebia, recebia. Já havia a girafa, não é?

I.F.- E era uma ajuda boa essa girafa? Era quase que um 14<sup>o</sup> salário?

N.G.- É mais ou menos. Isso mesmo, isso é verdade.

V.A.- Nós estivemos entrevistando o sr. João Siqueira Lopes, até falou do senhor.

N.G.- Nossa senhora!

V.A.- É um técnico refratário.

N.G.- Maior técnico de refratário que eu já conheci em toda a minha vida. Vocês entrevistaram o João Siqueira?

I.F.- Entrevistamos.

N.G.- Ali dentro daquela cabecinha tem uma inteligência que vocês não podem imaginar. Ele é um homem muito humilde, muito recatado, ele não se abre quase, mas a cabeça dele é uma coisa espantosa. Posso te contar um detalhe da vida dele?

V.A.- Pode, a vontade.

N.G.- A companhia, no princípio, não ligou muito para esse tipo de coisa, por isso é que eu fiz isso aqui, olha<sup>4</sup>. Se a companhia soubesse como eu salvei ela de problemas sérios técnico-administrativos, ela não tem nem noção disso direito. Mas eu vi o João Siqueira trabalhar, falei: “Ah, meu Deus, como é que eu vou premiar esse homem? Esse homem merece um prêmio. Esse homem não pode ser considerado da mesma forma que os outros.” Mas ele tinha pouca instrução. Então o que eu fiz? Eu falei: “Vou fazer uma coisa que eu não sei se ele vai suportar.” —que eu tentei fazer com os outros, mas os outros jogaram a toalha, desistiram. Mas ele acabou, que eu expliquei muito bem para ele, ele topou e fez. Eu formei esse homem como auxiliar-técnico. Sabe lá o que é isso? E ele fez exame aí no departamento de treinamento e seleção — não fui eu que aprovei ele, não. Ele foi aprovado aí. Porque podiam dizer: “Ah, não, o chefe aprovou, bonzinho, gostou dele...” Não tem nada disso, ele fez exame certo baseado em princípio exigido pelo Ministério da Educação e foi aprovado. Inteligente à beça. Danado. Eu dava uns problemas... Quando comecei a perceber como é que ele raciocinava, eu falei: “Danado! Esse cara é inteligente.” Eu dava uns problemas de propósito. Ah, o resto não saía, mas ele saía, muito inteligente. Agora, não tinha instrução. Ah, quando deu instrução para ele foi a mesma coisa que enfundar velas ao vento, compreendeu? Ele foi embora. Formou-se auxiliar-técnico.

I.F.- O senhor ficou nessa parte de expansão até ficar pronta e começar a funcionar...

N.G.- A expansão foi lá, pequenininha no princípio. Aí eu passei para a companhia, para o departamento de refratário.

V.A.- Ficou 20 anos.

N.G.- Exato, fiquei 20 anos. Aí me convidaram, em 75, para esse último plano da expansão, Plano D: passar de dois milhões e quinhentas mil toneladas para quatro milhões e seiscentas mil toneladas. Foi o maior plano implantado pela CSN, foi um salto, quase o dobro da produção. O salto que nós demos foi de dois milhões e meio

---

<sup>4</sup> Refere-se a apostila de sua autoria.

para quatro milhões e seiscentas — quer dizer, dois milhões e cem mil toneladas a mais, nominalmente. Porque pode produzir até mais de quatro milhões e seiscentas mil; pela capacidade de equipamentos instalados aí dentro pode ser até mais. Bom, esse plano tem um detalhe muito importante: de acordo com os dados históricos de financiamento, foi prevista uma despesa cujo capital histórico seria de três bilhões e duzentos milhões de dólares para executar o estágio 3 da expansão. Porque o Plano D foi dividido em três estágios: estágio 1, estágio 2 e estágio 3. Foram acrescentando equipamentos aos poucos, começando principalmente pelo setor de metalurgia para depois entrar na laminação, não é? Mas o estágio 3 do Plano D foi o maior de todos, porque aí, sim, aí é que melhorou a situação dos dois altos-fornos antigos — eles foram modernizados: pressão no topo, uma série de coisas técnicas que eu não posso estar falando para vocês, porque... Baterias novas de coque, bateria 4 e 5 — a 5 é do último plano de expansão —, melhorias na fundição, instalação do terceiro LD.

V.A.- O que é LD?

N.G.- É a fabricação de aço através do processo LD. Não sabe o que quer dizer isso, não?

V.A.- Não.

N.G.- Quer que eu explique?

I.F.- Quero.

N.G.- LD. Escreve aí. LD. O L é [Lídice]\*. E D é [Donavítice]\*. Eu vou explicar por que isso.

V.A.- Duas pessoas.

I.F.- É o seguinte: dois engenheiros, um da Áustria e um da Polônia, bolaram esse processo de colocar o gusa e a sucata dentro de um caldeirão e soprar oxigênio puro por cima, em vez do método antigo Siemens Martin. Porque nós temos a nossa aciaria Siemens Martin de oito fornos paradinha. As baratinhas estão andando lá em cima daqueles fornos lá, tirando férias lá. Está parado.

V.A.- Não funciona mais?

N.G.- Não.

V.A.- Nem vai entrar em operação, nunca mais?

N.G.- Eu acho que não, porque a diferença de produtividade é tão grande, só no caso de um esforço de guerra — que os Estados Unidos foram obrigados a usar. Os Estados Unidos colocaram em operação muitos fornos antigos que eles não imaginavam que iam usar um dia — puseram tudo para funcionar para esforço de guerra, na Segunda Guerra Mundial. Mas eu acredito que nós não vamos precisar usar, não, porque a produtividade é tão imensamente diferente que não vale a pena. Para você ter uma idéia: para produzir

---

\* Nomes sujeitos a confirmação.

duzentas toneladas de aço em um forno, em um equipamento, pelo processo de Siemens Martin – que também é nome de engenheiros, não sei se vocês sabem, engenheiro francês e engenheiro alemão, se eu não me engano, Siemens Martin – você leva oito horas para produzir as duzentas toneladas. No LD você leva 45 minutos.

V.A.- É uma diferença.

N.G.- É 12 vezes maior a produtividade, apenas você olhando o aspecto tecnológico de produção. Então a diferença é enorme! Não falo nem em quantidade de homem, não, não vamos falar, não. Se puser homem aí no meio então! Para operar um Siemens Martin você precisa de muito mais gente do que um LD. Ainda tem mais essa também.

V.A.- Nesse Plano de Expansão D, a função do senhor, que o senhor assumiu a partir de 75, era qual?

N.G.- A primeira função foi coordenador de engenharia.

V.A.- Do plano todo?

N.G.- Não, não. Do plano todo, não, de uma área do plano. Foi a área da aciaria, onde era o LD e o lingotamento contínuo — ficaram sob a minha responsabilidade. Coordenador de engenharia. Eu não era chefe de canteiro, não, eu era coordenador. O que quer dizer esse coordenador? Era aquele engenheiro que fazia a ligação da área de instalação de equipamento, ou da construção, com o departamento de almoxarifado, quer dizer, de provimento de matérias, de equipamentos, de material elétrico, coisa e tal, para a obra andar depressa, para não haver atraso. Por isso que chamava coordenador. Ele coordenava aquela chegada de materiais, quer dizer, tentava, mais ou menos, que chegassem em horas certas para não haver atraso no cronograma da obra. Então eu trabalhei nessa função até novembro de 76.

V.A.- E aí o senhor fez o quê?

N.G.- Bom, aí é que houve a grande mudança. Foi uma mudança... Por um lado eu fiquei muito preocupado. Eu era chamado... Um preâmbulo: o coronel Antônio Carlos Gonçalves Pena, que era o VPX.

V.A.- O que é isso?

N.G.- Quer dizer “vice-presidente da expansão”. Nessas alturas era presidente da companhia o engenheiro Plínio Cantanhede.

V.A.- 76, não é?

N.G.- Em 76. Então o VPX era o coronel Antônio Carlos Gonçalves Pena, aliás um sujeito espetacular também, um sujeito muito bacana.

I.F.- Ele virou vice-presidente de engenharia?

N.G.- Vice-presidente de engenharia, era o VPX, exatamente. Então num dia, eu estou lá na obra, e disseram assim: “Olha, o coronel Pena disse que quer falar muito com o

senhor.” Muito bem. Aí me chamaram. Me chamaram e ele falou assim: “Você veio para cá agora, não é?” “É.” “Está muito bem. Mas você nunca vem aqui no escritório. A gente procura você, você está na obra.” Eu falei: “Acho que o meu lugar mais importante é lá na obra para ver o que está faltando para os engenheiros lá.” Porque a maioria, é isso que eu digo para a senhora, a maioria ficava no ar-condicionado aqui no escritório central o dia inteiro. Não cito nomes. Eu achava aquilo um erro. Se o indivíduo assumiu a posição de coordenador, ele tem que procurar ver o que se está precisando na obra. Trocar, às vezes, as posições das coisas. Muito bem. Aí o coronel Pena falou assim: “Você está inaugurando alguma coisa diferente. Você quer uma sala para você na obra?” Eu falei: “Quero. Eu não quero ficar no escritório central, quero ficar lá ao lado dos engenheiros com os quais eu vou trabalhar, coisa e tal, prefiro.” Ah, imediatamente eu acabei... Quer dizer, para eles era uma beleza, não é? Ter um engenheiro que era só ligar. “Ô, fulano, o que está acontecendo aí agora?” “Está acontecendo isso assim, assim.” “Agora, vá perguntar...” “Ah, eu vou lá ver.” Aí o cara levava duas horas para chegar lá. Coisas desse tipo. Quer dizer, o germe da burocracia é terrível. Então eu entrei como coordenador.

V.A.- Aí providenciaram uma sala para o senhor lá na obra?

N.G.- Isso. Aí um menino, William Liberatori, esse rapaz que fazia... [riso] Esse era um rapazola, William, que fazia o negócio da programação, ficou tão animado com aquele troço, que ele perguntou se podia ficar na minha sala. Ele falou assim: “Ah, o senhor está fazendo uma coisa, eu quero acompanhar o senhor na obra, onde o senhor for eu vou atrás.” “Está bem, ué!” Esse menino até depois subiu muito aí na companhia, não sei onde ele está hoje; ele depois foi para a FEM, para a estrutura metálica, acho que ele saiu. Muito bem. Aí foi indo, foi indo, até que eu comecei a perceber que o engenheiro Plínio Cantanhede começou a ficar cego. Ele começou a ter um problema que ele andava na obra de uma maneira... Eu falei: “Gente! Esse homem está com um problema, é um perigo, porque um homem enxergar mal e andar em uma obra é difícil à beça, está arriscado até de se acidentar.” E eu falava para o engenheiro Pedro e o coronel Pena. Eu falei assim: “Olha, cuidado, porque acho que ele não está enxergando bem, não.” E o engenheiro Plínio já tinha idade também, não é?

I.F.- É.

N.G.- Bom. Então foi andando aquele negócio até que num belo dia ele saiu. Aí depois, no lugar dele, entrou o Benjamin Mário Batista, não é? É. Depois do Plínio foi Benjamin Mário Batista. Muito bem. Aí houve uma mudança muito radical... Aí é que num belo dia eu fui convidado, também de tarde, por um engenheiro que veio a ser diretor geral de obras, Pedro Carlos Henrique Dias de Sousa, que tinha sido, no passado, engenheiro da companhia no departamento de chapas a quente. Aí ele foi para São Paulo, passou mais a vida dele por lá coisa e tal. Esse engenheiro foi convidado para vir para cá, para ficar no lugar do engenheiro Mauro Mariano da Silva, que era então o diretor geral das obras de expansão. Muito bem. Aí uma tarde ele me chama, eu estou crente que ele me chamou para a gente ver como é que está o andamento lá?: a linha de oxigênio, como é que está?, aquela válvula já chegou dos Estados Unidos? Essas coisas. Ele falou: “Não, eu chamei você aqui hoje para uma coisa. Nós queremos colocar você como o superintendente geral da expansão no lugar do engenheiro Mauro Mariano da Silva.” Quando ele me falou aquilo, eu disse: “Ih, você está me apresentando uma surpresa muito grande. Mas espera aí, dá licença, lá na expansão tem tanto engenheiro,

vocês vieram convidar o coordenador que veio agora para cá?” — que eu era da manutenção da usina, eu era chefe do DRE lá até 75. “Poxa, aqui na expansão está cheio de engenheiros, você vieram me pegar?” Aí ele falou assim: “Não, o negócio é o seguinte: nós não queremos te explicar nada, não. Eu estou te convidando. Não quero explicar, não me obrigue a explicar. Eu sei umas das coisas que você está pensando. Vamos conversar aqui. Você se dá bem com fulano de tal?” Eu falei: “Me dou.” “E você se dá bem com fulano de tal? E com esse aqui assim, você dá?” Eu falei: “Me dou.” “Você acha... O que pode acontecer? Eu sei que vai haver um rebuliço danado aí dentro, mas eu vou agüentar as pontas, porque esses eu não vou convidar.” Então eu fiquei em uma situação um pouco assim...

#### [FINAL DA FITA 2-B]

N.G.- Eu falei: “Eu me dou bem, eu sei, não tem problema nenhum.” Ele falou assim: “Não, porque você, por mim, já está convidado. Agora, antes de você sair daqui...” Ele já estava com os papéis preparados como está o caderno da senhora aqui. Ele botou um papel na minha frente e falou assim: “Escreve aqui o que você acharia que deveria mudar já, a partir de agora.” Eu falei: “Mas é assim?” Ele falou: “É. O que você acha que devia mudar?” Eu falei: “Ah, meu Deus, tem tanta coisa que eu acho que deve mudar...” Ele falou: “Mas, por quê?” Eu falei: “O negócio é o seguinte: eu não posso estar falando assim, porque a verdade é que a companhia se acostumou com um sistema um pouco complicado, porque o aspecto político estatal teve uma influência tremenda dentro da companhia.” Porque ela era uma empresa de economia mista; então, para a senhora aliar objetivos políticos estatais com uma entidade prioritariamente de influência de mercado, é um pouco difícil de você fazer essa ligação. É difícil! Muito difícil, porque os políticos lá estão com um pensamento completamente diferente de um pensamento de um técnico de dentro de uma usina. Ele precisa é produzir o mais possível com a melhor qualidade possível para enfrentar o mercado. Isso é o básico. Agora, vinha um político e dizia: “Não, eu vou criar não sei o quê, porque eu tenho que pagar uma dívida política eleitoral com o seu fulano.” Ih! Entendeu? Então o... vamos dizer...

V.A.- A conjugação...

N.G.- Conjuguar essas duas coisas, a meu ver, foi o maior problema que qualquer presidente da companhia teve. Eu acho. Coitados, eles passavam por situações... Todos eles. E eles não escondem isso, não; não escondem. Cansei de ouvir falando, às vezes, até publicamente. O grande problema da Siderúrgica sempre foi o governo. Ele impunha preços malucos sob o ponto de vista político e social, a empresa não podia trabalhar disputando mercado, era um inferno. Tinha que exportar, às vezes para poder ganhar um pouco de dinheiro a mais, porque o que pagava pelo aço, aqui dentro, era uma porcaria, porque o governo, a cabeça do governo impunha aquele preço... Então ficava nessa situação. Então, a meu ver, toda vida o grande problema foi...

No passado ninguém se apercebia desse detalhe, porque o básico era a aplicação para criar uma indústria pioneira. Era o básico! Então, mesmo que se cometesse muito erro em torno daquilo, o básico era aquilo. Foi feito, está ótimo. E tem mais uma, eu aplaudo o que foi feito no passado, porque eu pergunto: naquele passado nosso, algum capital privado, *mesmo brasileiro*, instalaria uma usina deste tamanho? Não instalaria



*nunca*. Por quê? Porque infelizmente a nossa economia não tinha crédito, essa que é a verdade. Está aqui, olha<sup>5</sup>. É triste, mas é a verdade. Então...

Um preâmbulo, para a gente não entrar muito nisso. Vou falar aqui uma coisa real. Um historiador brasileiro... — preâmbulo, hein, é entre aspas aí. Um historiador brasileiro, especialista em história pré-colombiana, foi à Colômbia uma vez para estudar problemas dos incas, dos astecas, aquelas civilizações do passado antes de Colombo descobrir a América, não é? Isso é verdade. Um belo dia ele estava lá no hotel dele, porque ele ia aos museus, ia àqueles ministérios lá e tal, tirar informações e fazia suas agendzinhas e depois ele discorria lá no hotel, sentado, na parte da tarde, na maquininha dele, ele transformava o assunto como devia ser. Uma tarde, cansado de ficar sentado ali, para ajustar os ossos e alongar os músculos, ele se levantou e foi à sacada, e sem querer ele percebeu que ia haver um choque de dois carros. Ele percebeu e falou assim: “Aqueles carros estão correndo tanto... Ih, vai bater!” Pum, bateu, ele viu. Aí os dois saltaram do carro e começaram a ofender as suas respectivas mães [riso] e ele está escutando àquilo, e ele entendia bem, porque ele entendia espanhol. Aí ele teve uma idéia. Ele bateu a campainha lá, mandaram um garoto, ele falou assim: “Menino, você sabe quantos jornais matutinos existem aqui? Esse acidente que acabou de acontecer aí vai sair amanhã nos jornais?” “Vai.” “Quantos são?” “Devem ser uns seis, mais ou menos.” “Você me compra todos.” E assim foi feito. Muito bem. Quando ele recebeu os jornais no outro dia... Ele primeiro foi fazer os afazeres dele lá nos museus. Quando ele voltou, os jornaizinhos estavam lá, ele foi lendo todos. Sabe qual a conclusão que ele chegou? De *um* acidente real, tinha *sete* opiniões, *sete* versões diferentes. As dos jornais e a dele. Por isso que é muito difícil a senhora hoje analisar uma coisa que ocorreu no passado. É muito difícil. Você não pode analisar como se estivesse analisando matematicamente uma coisa. É difícilíssimo. Você não traduz com fidelidade nenhuma um fato que aconteceu no império romano. Se nem uma semana atrás... Você pergunta para um rapaz aí da rua quem é o presidente do Brasil, ele não sabe. Atualmente. Não sabe. Quem foi Itamar Franco, ele não sabe. Está entendendo? Então por aí vai.

V.A.- O senhor foi superintendente, então, do plano de expansão...

N.G.- Eu fui superintendente, fui indicado para superintendente geral de construção — é SGCO. No lugar do engenheiro Mauro Mariano da Silva.

V.A.- Isso foi em novembro de 76?

N.G.- De 76.

V.A.- E aí o senhor ficou quanto tempo?

N.G.- Fiquei até o mês... Certinho, fiquei até... A *grosso modo* março de 83. Espera aí. Março de 83? É, é isso mesmo, março de 83. Porque aconteceu o seguinte. Um outro problema político. O engenheiro Pedro Carlos Henrique Dias de Sousa um dia me chamou e falou: “Muniz, nós temos que conversar com o presidente da companhia.” Nesta época era o engenheiro Mário Benjamin Batista, que foi... É, mais ou menos... É, foi princípio de 83 que aconteceu isso. Eu fui chamado...

I.F.- Benjamin Mário Batista.

---

<sup>5</sup> O entrevistado aponta a publicação da Andima que havia mostrado anteriormente.

N.G.- Benjamin Mário Batista, não é? Benjamin Mário Batista. Eu fui chamado e eles disseram assim para mim: “Olha, isso aqui é um assunto muito... reservado.” Porque tem influência política, essas coisas... Aliás, toda empresa de governo, empresa de economia mista, tem uma influência política terrível — esse é um dos grandes problemas de empresas estatais. Uma subsidiária da companhia tinha um engenheiro que estava com problema de coração e era o presidente, e esse engenheiro foi aconselhado várias vezes a sair do lugar. Como engenheiro, era um camarada muito experiente, eu me lembro muito bem dele, é um sujeito inteligente, muito experiente. Tanto é que ele subiu muito aí na companhia, chegou a presidente da subsidiária. Mas ele tinha problema no coração e, com a saída dele, você sabe, empresa do governo, todo mundo sabe tudo. A notícia corre, célere, com alta rapidez, e alguns políticos queriam abocanhar a função. Trabalhar dentro da usina ninguém quer, mas uma função de sentar na cadeira com um ar-condicionado todo mundo quer. Muito bem. Aí o Benjamin Mário Batista falou: “Não. Não queremos isso, não.” Não queremos continuar com aquelas porcarias que começaram e pioraram muito em 1982, quando o seu Brizola entrou para governador do estado. Ele falou: “Não, nós temos que dar um jeito nesse troço. Olha, nós queremos levar você para lá. Agora, como lá tem um arquiteto que está lá há muitos anos, a nossa idéia é colocá-lo na presidência, e você seria o diretor técnico. Você não precisa sair da CSN: a gente indica, e você vai ser deslocado para lá.”

V.A.- Qual era a subsidiária?

N.G.- A Cecisa é que ficou responsável, aqui fora, pela construção das residências para o operariado em geral da companhia.

V.A.- A imobiliária.

N.G.- A imobiliária e a manutenção da cidade, que muito depois é que passou para a prefeitura.

I.F.- Era quase que uma miniprefeitura aqui.

N.G.- Era uma miniprefeitura, exatamente, era uma miniprefeitura. Aí eu disse: “Bom, qual é o problema?” Ele falou assim: “Nós estamos com um problema muito sério. Não queremos botar político aqui de jeito nenhum. Se você aceitar, vai ser uma beleza, porque acaba esse problema. Você não precisa sair da companhia.” Eu falei: “Eu vou pensar. Vou conversar com a minha senhora, coisa e tal, botei a Sônia sentada aqui e conversei com ela.” Eu falei: “Amanhã eu dou a resposta.” Conversei com a Sônia: “Olha, está se passando isso e isso, assim e assim, coisa e tal.” Aí ela falou: “Aceita, ué.” Eu falei: “Por um lado até vai ser bom, porque eu vou ganhar um adicional e porque eu não saio da companhia.” Então lá fui eu como diretor técnico da Cecisa.

I.F. Em 83?

N.G.- Isto deve ter sido... acho que foi em março de 83. Exatamente, março de 83. E peguei, inclusive, um grande plano de expansão e de construção de residências. Volta Grande 3. Peguei o final do Jardim Veneza, peguei já em andamento o Jardim Esperança — casas muito boas, não sei se passaram por lá, um pessoal já de nível melhor de salário... Peguei várias coisas. O Jardim Tiradentes, que fica à margem da

rodovia aqui [inaudível] que passa São Geraldo, do lado direito... E fizemos muitas obras da companhia para residências, de um modo geral para o operariado, para pagar através de contratos com a Caixa Econômica, essa coisa toda. Eu fiquei como diretor lá até que me aposentei. Agora, sabe que eu não estou lembrado certinho de quando eu me aposentei? Porque eu não gostei de fazer isso. Não gostei.

I.F.- E o senhor está aposentado, não dá aula, não faz mais nada?

N.G.- Não! Eu me aposentei... Graças a Deus, a senhora está vendo, eu tenho saúde. Graças a Deus. Eu acho que o maior tesouro que a pessoa pode ter é a sua saúde. E olha que eu trabalhei dentro de uma usina vinte e tantos anos, quase 28 anos. Porque desde que eu entrei até a hora em que eu... Porque quando eu fui a coordenador e depois coisa e tal, eu vivia dentro da usina, então eu trabalhei praticamente 28 anos lá dentro. Então o pessoal exagera muito: esse negócio de poluição, essas coisas, é um troço muito exagerado, isso tudo é muito explorado sob o aspecto político e emocional. É exagerado. Eu saí e, passados uns tempos, eu recebi um convite, e quase que me puseram um revólver no peito para aceitar. Eu fui para um órgão, não vou citar nome, não, porque não está... não agüentei, não agüentei. Fui para um órgão que era estatal. Ah, meu Deus do céu! Fiquei seis meses lá a duras penas. Eu falei: “Não sei o que eu estou fazendo aqui. Não dá, não dá. Não nasci para isso.” Entreguei meu lugar, escrevi uma cartinha, pedi demissão irrevogável e acabou. Aí passados uns tempos eu recebo um engenheiro aqui me convidando para trabalhar com a companhia de Belo Horizonte, mas tinha uma subsidiária em Barra Mansa, e eles estavam com problemas sérios nesta subsidiária. E eu trabalhei com eles mais ou menos... acho que deu entre quatro e cinco anos. Era a única firma no Brasil, eu não sei como hoje isso está sendo. O nosso país é uma graça, para não dizer coisa pior. Os nossos governos... É uma tristeza! Para ter uma idéia, a única firma no Brasil que fazia piche em pó.

V.A.- Qual era o nome da firma?

N.G.- Protec. Uma filial da Magnesita, em Barra Mansa. Sabe por que esse produto é feito? É muita coisa alongada para explicar, mas eu não sei... Posso falar?

I.F.- Pode.

N.G.- Esse produto é o seguinte. Agora eu *volto* na usina. Você, para revestir com refratário um caldeirão do LD... Ele é todo feito em tijolo de reação química básica. Ele é básico, ele não é ácido. Está entendendo? Mas, para ser básico, ele tem que ser composto com materiais básicos, então ele fundamentalmente é feito com MgO, óxido de magnésio. Porque o magnésio é *essencialmente* básico, já o sílica é *essencialmente* ácido. E tem os materiais intermediários: muito ácido, mais ou menos, pouco ácido, neutro, coisa e tal, até chegar ao *básico*, não é? O material de magnesita, a magnesita, o óxido de magnésio é essencialmente básico, é o que precisa para um forno de produção de aço. Por que? Porque a nossa escória é essencialmente ácida. Então, para tirar a escória do aço, você precisa carregar nos fornos os fundentes, geralmente dolomita e calcário. Acabou. Tá? E o tijolo refratário... Quando você carrega a dolomita e coisa, ela tira a reação do material ácido do minério contra as paredes do refratário para não diminuir, porque o material de magnesita é altamente refratário, ele agüenta uma temperatura elevadíssima, porque senão ele seria corroído rapidamente, você perderia, ou então teria que estar renovando revestimento em períodos muito curtos. O que

interessa é você levar os períodos para um tamanho mais longo: em vez de você ter quatrocentas corridas por revestimento, você tem que pular para oitocentas, para mil — isso é que interessa. Que além de sair mais barato... Porque o lucro aumenta muito mais porque você pára menos o equipamento.

I.F.- Lógico.

N.G.- Está certo?

V.A.- O piche serve para quê?

N.G.- Aí é que está. Você não pode botar água para fabricar o tijolo refratário que entra no LD. Porque a água vai reagir com o óxido de magnésio: transforma em hidróxido de magnésio e ele explode. Ele transforma, e essa transformação, essa reação química da água com o MgO, forma o hidróxido de magnésio e ele expande. Então...

V.A.- E aí bota piche em vez de água?

N.G.- Exatamente, entra o piche. Então a gente entra lá na fábrica, você manda o piche em pó e entram uns líquidos neutros como o próprio alcatrão, que você livra de impurezas, você não pode ter enxofre... Ih, mas isso é um detalhe muito... tá? Você não pode ter enxofre, coisa e tal. Aí você mistura aquilo tudo, faz aquela massa, leva para a prensa e lá você fabrica os tijolos.

V.A.- Quer dizer que o piche em pó é essencial para a fabricação do tijolo refratário?

N.G.- Essencial! Era a única que tinha no Brasil. Por causa de políticas mal dirigidas, fechou. Teve que importar dos Estados Unidos e de um outro lugar. Se eu não me engano estava importando de uma firma americana, uma tal de McCormack.

I.F.- Que era a mesma que tinha aquela companhia de navios Moore McCormack.

N.G.- Isso. Aí eu fui para essa firma, aí chegou a um ponto em que... Eu digo uma coisa para a senhora: é triste, mas o nosso sindicalismo está muito atrasado no Brasil. Muito atrasado. Só se pensa aqui em sindicalismo e em *ódio* ao empresário, *ódio* a não sei o quê... ódio, raiva disso... Não dá certo. Ainda mais em uma época dessa, em que o mundo está se transformando em uma aldeia global. Hoje não tem mais separação como havia antigamente, principalmente na economia. Não tem mais aquilo. Hoje uma empresa americana ou inglesa, ela está em todos os países do mundo; uma empresa japonesa está em todos os países do mundo, o capital dela está lá. Quer dizer, esse fenômeno que todo mundo fala aí hoje, a globalização, apenas é uma palavra a mais no dicionário, mais nada. Esses desempregos que estão acontecendo no mundo inteiro, isso toda a vida aconteceu, apenas que hoje é num ritmo de aceleração muito maior. Quer um exemplo? Não vou dar um, não, vou dar mais. Quando os fenícios inventaram o uso da vela, Cristo nem era nascido, certo? Quanto remador ficou sem emprego? Quantos? Muitos. Que todo mundo só andava com canoa remando, então ficaram sem emprego. Vou mais longe. Quando Robert Stevens inventou na Inglaterra o uso industrial do vapor...

[FINAL DA FITA 3-A]

N.G.- Começaram a instalar as turbinas a vapor nos navios com as caldeiras, com carvão ou coisa que o valha, e as hélices começaram a funcionar lá em baixo, quanto marinheiro ficou sem emprego? Só que tem que ninguém falava nada, que naquela época uma notícia para chegar ao Brasil levava seis meses e eles nem sabiam que o Brasil existia. Mas hoje, não; acontece um fenômeno hoje no Japão, aqui, na hora, na Internet, aí no jornal, a gente pega — já está sabendo que aconteceu um maremoto, que aconteceu isso, aconteceu aquilo, coisa e tal.

V.A.- Agora dr. Muniz, o senhor casou-se aqui em Volta Redonda?

N.G.- Casei em Barra do Pirai.

V.A.- A d. Sônia é de Barra do Pirai?

N.G.- Ela também é de Barra do Pirai.

V.A.- Ah, que coisa boa. Então voltou às origens lá?

N.G.- É, mais ou menos, mas nunca morei lá depois. Depois que eu me formei nunca mais morei em Barra do Pirai.

V.A.- E o senhor conhecia ela de Barra do Pirai?

N.G.- Conhecia, conhecia. Aliás, esse ponto aí... [riso] Desde pequenininha ela me [riso]namorava da janela, com oito anos, é. Ela me namorava e eu não sabia.

Sônia Guimarães - Desde os nove anos. Nós somos da mesma idade, eu tenho quatro meses mais que ele.

N.G.- Isso pode ser gravado?

V.A.- Lógico.

N.G.- Está bom. Pode, Sônia, então senta aí.

V.A.- Casaram em que ano aqui?

N.G.- Em 25 de maio de 54. 25 de maio não. Minto. 25 de setembro.

I.F.- Ah, logo que o senhor veio para cá.

N.G.- Foi, foi logo.

V.A.- Então o senhor ficou morando no hotel dos engenheiros e depois a d. Sônia veio para cá, e ficaram morando nos hotéis?

N.G.- Não. Aí eu aluguei uma casa lá em Volta Redonda velha, lá no bairro de São João, e essa casa tinha uma história.... Eu pintei essa casa num sábado e acabei às quatro horas da manhã de um domingo — eu com um rapaz. Coitado, ele hoje está com

aquelas pernas daquele jeito, o Nicolau, arrastando as pernas, está com as pernas dessa grossura. Ah, bom. Espera aí.

I.F.- Não tem problema não.

N.G.- Ah, está gravando?

V.A.- Está.

N.G.- Pois é. Esse rapaz, o Nicolau, era empregado do meu irmão, pai desse rapaz do acidente de automóvel. O meu irmão também morreu num acidente de trator, não é? Na fazenda. Eu construí, projetei a fábrica de tambores para ele... Ih, essa história é muito longa. Mas, voltando ao assunto.

V.A.- Casaram então em 54?

N.G.- Em setembro, 25 de setembro de 54, isso, exatamente. Nós temos quatro filhos.

V.A.- Quatro filhos?

N.G.- Simone, a primeira — mostra aí o retratinho — é médica.

I.F.- Trabalha aqui em Volta Redonda?

N.G.- Ela se formou aqui.

Sônia Guimarães - Esta é a filha dela.<sup>6</sup>

N.G.- Ela hoje está em Roma, tem uma clínica em Roma de cirurgia plástica. Ela trabalhou nove anos com o Pitangui. Aqui ela está lá no alto das montanhas fazendo negócio de neve.

Sônia Guimarães- Ela é cirurgiã plástica.

N.G.- É, cirurgia geral e plástica. Ela casou-se agora com um advogado italiano e foi para lá.

Sônia Guimarães- Faz cinco anos que ela mora em Roma.

N.G.- Essa é a mais velha.

Sônia Guimarães- Ela já tinha essa filha, ela se casou duas vezes, e essa menina fez dez anos.

N.G.- Fez dez anos no dia 28 de janeiro agora.

I.F.- Gracinha!

N.G.- Quer perguntar mais, pode perguntar.

---

<sup>6</sup> Mostrando fotografias da família.

Sônia Guimarães - Aqui é ela com sete anos.

I.F.- É ela e os outros três filhos.

N.G.- Em segundo, veio o moço, o meu filho Néilson, esse aqui — Néilson Ferraz Guimarães. A diferença do nome dele para o meu é só o Ferraz que está no meio, porque o resto é igual.

V.A.- Ele é o quê?

N.G.- É engenheiro. Ele é engenheiro da White.

V.A.- Da White Martins?

N.G.- É.

Sônia Guimarães - Essa mora na Alemanha há oito anos. Essa que estudou no Rio...

N.G.- Essa também é engenheira, Beatriz. Está em Frankfurt.

Sônia Guimarães- Ela estudou no Rio; não estudou aqui, não.

V.A.- Ela casou com um alemão?

N.G.- É, casou-se com um alemão.

Sônia Guimarães- Casou com um alemão aqui em Volta Redonda. Mas ela ainda está...

N.G.- E essa aqui é a terceira filha. Está vendo? A do meio aí. É a Cibele, é engenheira também, e essa mocinha aqui é filha dela. Essa que está em Frankfurt. Esse é o meu filho Nelson, tá? E esse aqui é o senhor que casou com a minha filha Simone, é um advogado italiano. Estão lá em Roma, graças a Deus ela vai indo bem com a clínica dela.

V.A.- E a mais nova, mora aqui?

N.G.- Não, a mais nova é a que está em Frankfurt, a Cibele, a terceira que é essa... Cadê o retratinho? Você não tem retrato da Cibele para mostrar?

Sônia Guimarães- Tenho. O casamento dela aqui, o segundo casamento.

N.G.- O casamento dela, pronto. É a minha terceira filha, essa.

I.F.- Bonita!

N.G.- É.

N.G.- Esse moço aqui que casou com ela, esse aqui, olha.

Sônia Guimarães - Mãe dessa aqui, olha. Fez 15 anos.

V.A.- E ela mora onde?

N.G.- Mora aqui em Volta Redonda. Ela trabalhou dez anos na FEM. Mas com essa recessão geral e negócio de desemprego ela ficou desempregada. Ela ia para o Rio, mas, para ir para aquela zona industrial lá no Rio, ela falou: “Ah, pai, não posso ir, meu menino está muito pequenininho, não posso ir para lá.” É esse aqui, esse é o molequinho filho dela.

V.A.- Muito bem, parabéns, são todos muito lindos.

Sônia Guimarães- Estão todos muito bem.

N.G.- Agora, o meu filho, esse aqui, a saúde dele foi abalada por brucelose. Isso foi um verdadeiro desastre, e nós custamos a descobrir. Quando eu fui aos Estados Unidos pela CSN... Em 1965 eu fui aos Estados Unidos a serviço, não é?

#### [INTERRUPÇÃO DE FITA]

V.A.- [gravando simultaneamente em vídeo] Nós estamos no dia 10 de fevereiro de 1999, entrevista com o engenheiro Néelson Muniz Guimarães em Volta Redonda, na casa dele.

I.F.- Eu gostaria que o senhor fizesse um comentário sobre como o senhor encontrou a CSN quando chegou aqui e a importância do seu trabalho aqui na sua vida profissional?

V.A.- A importância da CSN para o Brasil. A importância da CSN para o Brasil e para a sua vida em particular.

N.G.- Bom, primeiramente o que eu acho é o seguinte. Para o Brasil, a importância da CSN foi primordial, isso é indiscutível. Indiscutível. Principalmente para a época que era, e uma atividade, vamos dizer, até pioneira, porque a siderurgia no Brasil em alta escala não existia. Então nesse aspecto o Getúlio Vargas tem um grande mérito, é indiscutível, indiscutível. Para o Brasil foi uma coisa espetacular, porque com o início da siderurgia nessa escala, o que ela polarizou de outras indústrias congêneres e nascendo da siderurgia pesada foi uma coisa fora de série, fora de série. O progresso das ferrovias, progresso da indústria até de comunicação, construção de ferrovias principalmente... Porque o Brasil aumentou muito a rede ferroviária depois. Porque no passado era tudo construído com material que vinha do exterior, principalmente da Inglaterra, não é? Principalmente. Isso para nós foi uma maravilha, o Brasil começou a respirar, não é? Foi uma beleza nesse ponto, tá? Embora...

V.A.- E para a sua vida pessoal?

N.G.- A minha vida pessoal, também, eu acho que... Eu não tenho a condenar nada, nada. A única coisa que eu penso particularmente a respeito é esse problema que eu já falei: você aliar os anseios políticos dos políticos com uma coisa de natureza técnica e de mercado é muito difícil — você fazer esta aliança. Muito difícil.



V.A.- Está muito bem. Muito obrigada.

N.G.- E tem mais uma. Eu quero dizer aqui que eu agradeço a vocês o interesse em ter me procurado, está entendendo? Porque eu não sou ainda muito dono da época antiga, já entrei em 54, já peguei muita coisa aqui. Mas muito me interessei sempre pela história da companhia.

I.F.- É, isso é muito importante.

N.G.- Acho que essa história, o povo brasileiro devia conhecer muito mais isso. Olha, você quer ver um exemplo engraçado que eu estava falando com um casal ontem... A minha senhora teve um infarto, ela.

Sônia Guimarães - Ele é apaixonado pela CSN.

N.G.- É. Não tem dúvida. Porque eu separo aquelas coisas da política da coisa... Ontem, por exemplo, eu encontrei um casal lá no horto — porque eu levo a minha senhora para andar de manhã cedo no horto. Depois que ela teve o infarte, ela teve o infarte no dia fatídico de 27 de julho de 97. Foi horrível isso. Então eu levo ela de manhã cedinho para passear, coisa e tal. Então encontrei um casal lá e perguntei para a menina: “Você está estudando?” Está. “Essa maquinazinha que você está vendo aí, você está vendo essa maquinazinha?” Está. “Você sabe o que quer dizer isso?” Não. Perguntei para o moço: “Você sabe?” Não. “Pois olha. A coisa mais importante que está dentro desse horto é esta máquina, porque esta máquina construiu o passado todo da CSN, com ela é que se transportavam todas as pedras da pedreira para fazer as fundações da usina.” A maquinazinha puxando aquelas vagonetas de bitola estreita... Está lá no horto, não tem uma placa alusiva dizendo para que aquilo serviu. Mas nós somos muito ruins em matéria de história minha filha.

V.A.- Mas para isso é que nós estamos então colhendo depoimentos, e nós agradecemos muito também a sua participação.

N.G.- Muito obrigado e eu que agradeço também a lembrança de vocês do meu nome. Eu tenho a certeza de que tem outras pessoas aí com muito mais mérito do que eu.

I.F.- É um pouquinho de cada um que vai para a história desse país, sabe?

N.G.- É.

I.F.- Um pouquinho de cada um.

N.G.- Então acabou?

V.A.- É, acabou. Eu até vou desligar aqui.

[FINAL DE DEPOIMENTO]